

Director, editor e proprietário
Antonino Dias Pinto de Castro
—
Redacção e Administração:
Rua da Rainha, 56-A
Telef. 4315

Notícias de Guimarães

Composição e impressão
TIP. IDEAL
Telef. 4381
—
VISADO PELA CENSURA
— AVENÇA —

FUNDADO EM 1932

HOMEM CRISTO

ISAURA CORREIA SANTOS.

Em Fevereiro de 1943 extinguiu-se em Aveiro um grande português, Francisco Manuel Homem Cristo, polemista de garra, jornalista desassombrado sempre pronto a defender os interesses da sua Terra e do Povo.

O aniversário da sua morte passou sem que alguém, pelo menos que saibamos, lhe tenha feito a justa referência num jornal português — mas alguém a fez, sim, num jornal recifense. Certo, causou-nos pena, este ano como nos anteriores, o silêncio à roda da memória de uma figura que foi notável entre as mais notáveis no jornalismo e na campanha, voluntária, prò desbravamento dos adultos — sim, porque, na verdade, a simpática campanha actual que visa a educação e instrução dos adultos que não frequentaram a escola em verdes anos, foi larga e calorosamente discutida e posta em prática por esse patriota que, quando oficial, se dava sem proveito monetário ao A. B. C. e até ao ensino liceal, nos quartéis por onde passou.

Quanto soldados, absolutamente ceguinhos ao iniciar a sua vida militar, saíram desse serviço com luz da instrução que Homem Cristo lhes inculcava dia a dia a par do amor pátrio que, neles, era coisa morta... E quantos, entre esses que o Gigante de Aveiro, o Gigante de Portugal, instruiu e guiou para além do ensino primário, conquistaram um lugar ao sol devido a esse patriota e benemérito que parece esquecido nesta Pátria que muito amou! Entretanto, que de pequeninos, se comparados com eles, são recordados e homenageados!

Uma outra iniciativa bem simpática e construtiva, de Homem Cristo, a par dessa outra que inicialmente se lhe deve, na educação dos adultos pela qual muito pugnou, foi a de ajardinar os quartéis. Ele próprio trabalhava como jardineiro estimulando os soldados a revolver a terra, a plantar, a mondar, a regar, a seu lado. Não temos nisto uma prova bem eloquente da sua sensibilidade, de Homem que sabia bem o que queria e numa firmeza edificante? E pondo de parte, mesmo, o seu amor pela flora, ressaltam-nos com igual intensidade e grandeza o seu humanitarismo na tentativa em alegrar a ambiência da caserna e dar aos jovens camponeses, na vida militar, um entretenimento sadio e útil sob todos os pontos de vista. Temos na nossa mesa de trabalho dois livros, que hoje nos apeteceu sobremaneira folhear — como acontece de quando em quando ao recordarmos o Grande português que muito nos estimulou a

PRENÚNCIOS da PRIMAVERA

(A's três queridas netas, na sua próxima chegada da outra banda)

Já se vêem andorinhas
No espaço a voar,
Que mais parecem estrelas
Espalhadas pelo ar.

Vêm tão lindas, vaporosas,
Fugindo das terras frias;
E vêm-nos anunciar
O tempo das romarias.

Quando as vejo chegar
Fico alegre, contente,
Por as ver junto de nós
A chilrear novamente.

Em breve vão começar
A construção dos ninhos,
O berço dos seus amores,
O solar dos pequeninos.

Mas em chegando o Outono
Estão elas na partida,
Deixando só por lembrança
Alguém pena caída.

Lá vão elas a voar
Deixar de nos ver, em suma
Deixando só a saudade...
Elas não levam nenhuma.

Lá vão elas, lá vão elas,
Por esse mundo além.
Adeus lindas andorinhas
Até ao ano que vem.

Já estão todas em bandos,
Nas aldeias, no choupal,
Levarão sempre consigo
No coração... Portugal.

Virginia Simões de Almeida.

escrever não simplesmente por escrever...

Abrimos ao acaso «Prò Pátria» e ressaltam-nos, aos olhos e ao coração, este pedaço de prosa sempre oportuno e comprovativo do probó carácter e do espírito altruístico do seu autor:

«Instruir não basta. Contudo, instruir é muito.

Libertemos, aperfeiçoemos, engrandecemos a escola. Ensinemos o mestre a ensinar e a educar. A instrução faz parte integrante da educação. Já o dissemos. Está dito e redito por toda a gente. Façamos que a acção moral do mestre não desapareça logo que o aluno transpõe a porta da escola. Por obra de misericórdia, se não queremos que seja por obra de justiça, demos pão com o ensino, de comer a quem tem fome, e para conseguir que uns não morram à míngua bastará impedir que outros morram de indigestão.

E veremos como daí surge a instrução omnipotente, benéfica e sã, multiplicando a sua acção moralizadora, que, agora, mesmo, toparamos e reconhecemos, na prática da vida, a cada instante, que sentimos e apalpamos em nós próprios sempre que a queremos ver, que a queremos meditar, que a queremos sentir, que a queremos apalpar, sem precisarmos recorrer às estatísticas, aos miolos e aos óculos de certos sábios, que só pensam e vêm pelos outros à força dos outros não quererem ver e pensar por eles próprios.

Quisessem eles e talvez chegassem, ainda, a admirar-se de haverem adorado como miolos divinos

Continua na 2.ª página.

MODA

Por Aurora Jardim.

UMA AMERICANA FOI A PARIS EM FEVEREIRO...

Toda a mulher começa a pensar com antecedência nos vestidos que há-de fazer.

Foi por esta razão, que depois de uma volta pelas grandes casas, vamos contar o que se passou.

Logo na primeira, a empregada levantou os braços ao céu.

— Mas por Deus, nada ainda está em ordem, a estação de primavera não se apresentará antes de Março.

Os brinquedos tinham invadido tudo para o Natal e depois veio a época da rouparia. Os prognósticos? Ainda nada sabia.

Experimentou-se outra casa. Depois do que acontecera com a primeira, declarou-se à empregada que eram necessárias indicações sobre o que se ia usar, para estas serem por sua vez dadas a uma rapariga que chegara da América para uma longa permanência em Paris. Era necessário saber preços, género, cores...

Os preços não variaram praticamente depois da última estação. Desde o vestidinho de popeline de quatro mil francos, até ao casaco de lã e seda de vinte e dois mil, encontra-se uma série de modelos em todas as medidas.

Assim, desta forma, foi possível estabelecer um projecto para vestir a tal rapariga americana.

Esta, dispenderá uma quantia à roda de setenta mil francos com as seguintes compras: um conjunto em entrançado azul (o tecido entrançado está imensamente em moda), composto por um casaquinho e um vestido *fourreau* sem mangas e decotado. Um *pull-over* de *jersey* tom areia, usada sob o vestido ou sobre este, o que permitirá variar aquele. Um casacão impermeabilizado, em *strandain* vermelho vivo, forma *sport*, imitando o pelo de camelo, dará boa segurança contra os aguaceiros.

Um casacão de *toilette*, em lã e seda, tom caramelo claro e um vestido camiseiro de saia larga, estampado a azul e caramelo. Isto, encantá-la-á desde as 5 horas da tarde.

Enfim, uma saia cortada em forma, com desenhos *cachemire* um tanto esbatidos, negro, azul e vermelho, forrada de *isoline*, acompanhada por uma blusa camiseira de seda natural, e ei-la pronta para ir dançar.

Na secção de acessórios encontram-se uma saca e sapatos condizen-

Bilhetes de Paris

NOVAIS TEIXEIRA.

Um Van Gogh de Celulóide

Ao António de Azevedo, velho amigo, de Vila Nova de Gaia, que deu a algumas praças de Guimarães a nobre linguagem de uma escultura válida e sensível:

A última de Marie-Chantal (!); — Vocês já viram a fita desse pintor que se parece com Kirk Douglas?

Eu já. O pintor chama-se Van Gogh. Parece-se realmente com Kirk Douglas. A mais não podia ter chegado Vicente Minnelli na devassa cinematográfica dessa «vida apaixonada» reproduzida fielmente à letra, com o testemunho dos documentos à vista.

Os diálogos saem das reflexões do próprio pintor. São extrairidos dos desabafos angustiosos de Van Gogh, das cartas escritas a seu irmão Theo. «Moi, je rendrai l'argent ou je rendrai l'âme. O dialogista não altera as palavras. A «folha corrida» do artista parece tirada numa reparação pública. Está transcrita com veracidade. Podia assiná-la um tabelião. Não há um só erro na biografia, nem uma falha na transcrição. As peugadas do biografado são as que ele seguiu na vida: Borignac, Arles, Saint-Rémy...

E, entretanto, nada mais longe da verdade!

A traição da História está muitas vezes no historiador. Aqui, não. Aqui, quem traiu o historiador foi a História. Entendamos. Pôr o Padre-Nosso em diálogo, sem lhe alterar as palavras nem desvirtuar a intenção, será, na verdade, orar a Deus? Que seria a Palestina sem a pre-

(1) Personagem imaginária que simboliza a «preciosa» francesa.

sença de Jesus e com um Kirk Douglas parecido com Cristo? A vida de Cristo, tantas vezes levada ao «écran», já teria convertido algum infiel? Algo de semelhante acontece com esta «Vida apaixonada» de Vicente Van Gogh». O homem não foi um Cristo, mas viveu uma tragédia de incompreensão universal.

Excede, de longe, os limites da crítica cinematográfica a apreciação desse Cinemascope colorido, onde se exibem alardes de recursos técnicos e gastaram rios de dinheiro. A técnica — esse gigante!, luta com o Homem — esse incoercível! E' uma espalhafatosa luta inglória. Morde o pó da derrota. Então, o dinheiro nem sequer coxeou como aquele pobre «Diablo» do dramaturgo Continua na 2.ª página.

21 PRÉDIOS

e 2.700^m2 de área

adquiridos pela Câmara

A Câmara Municipal acaba de fechar contrato amigavelmente com o estimado proprietário vimaranense sr. Manuel Mendes de Oliveira, para aquisição de 21 casas e de terreno com a área de 2.700 metros quadrados, em S. Francisco (Rua do Padre Gaspar Roriz e seu prolongamento), para as obras da projectada e formosa Alameda.

Deste modo se resolveu mais um assunto dos muitos que a presidência da Câmara tem procurado solucionar.

Oxalá que a pouco e pouco todas as dificuldades — que ainda as há, e grandes — vão desaparecendo, para que o progresso da Cidade não sofra mais atrofiamientos.

GAZETILHA

Dias de Feira...

Feirinhas da nossa Terra, quanto de ternura encerra vossa rude alacridade: — tornais alegre e garbosa, estridula e buliçosa a nossa velha Cidade!...

De movimentada, e garrida, parece gente crescida a velha tela Afonsina: — tem a birra sedutora de falar como senhora, e ter rosto de menina...

Feiras de bois e vitelas, de peneiras e gamelas, de coelhos e galinhas... — e na dos porcos, mau grado, tem sido muito gabado o pobre autor destas linhas...

E em ternas recordações, a cogitar nos cordões, a feirinha de sorrisos das recatadas moçoilas que, róseas como papoilas, velam sonhos indecisos...

Com charlatães a ofertar drogas p'ra tudo curar, menos a falta de «pingo»: me dá a feira alegria, como festa, ou romaria, em tardinhas de domingo...

Mas vou fazer um pedido para ficar esquecido, ai de mim, que pouco valho! — Desfeita a bovina feira, devia entrar a mangueira para varrer o soalho!...

Ortigão.

DR. FERNANDO AYRES

Este nosso prezado amigo e distinto Advogado da Comarca mudou o seu escritório da rua da Rainha para o Largo dos Navarros de Andrade (à Avenida Duarte Pacheco), desta cidade.

CRUZADA DE SANGUE

Por notícias transmitidas pela Imprensa e pela Rádio, é do conhecimento público a campanha da «Cruzada do Sangue», na cidade do Porto, com o objectivo, aliás muitíssimo altruista e humanitário, de conseguir «doadores» que possam prestar essa caridade no Hospital de Santo António da Misericórdia daquela cidade, campanha que tem sido feita em outras terras do país, sobretudo naquelas onde o amor do próximo é bem compreendido e bem praticado.

De facto, dar sangue é dar vida e, como dizia Camilo Castelo Branco, «quem pode ver insensivelmente o alheio infortúnio, ignora que há dores».

Trata-se, pois, de um movimento de solidariedade humana de indiscutível benemerência social, tanto que, como ainda dizia o bem conhecido escritor, «a maior felicidade é a que requer grande coração e pura consciência».

Portanto, quem puder dar sangue para salvar a vida de um doente não ficará com o remorso de o negar e antes, pelo contrário, passará a ter a suprema consolação de ter concorrido para arrancar das garras da morte um ser humano, transmitindo-lhe, assim, a vitalidade da própria existência. E quanto a remorsos, dizia M.^o De Staël: — «O remorso é a única dor da alma, que nem a reflexão nem o tempo atenuam».

Estas palavras concretizam, sem dúvida, a magnitude do sentimento humano e de um modo especial sendo aplicadas ao caso presente, no qual o remorso de não salvar

uma vida, por manifesto desinteresse pela mesma, constitui um acto que, com certeza, não poderá deixar tranquilo quem o praticar. «As doenças — como diz um significativo conceito — chegam por um caminho largo como uma estrada e vão-se por um caminho estreito como o fundo de uma agulha».

Esta expressiva comparação apenas pretenderá demonstrar que as doenças aparecem rapidamente e desaparecem muito devagar, isto, é claro, no caso de doenças de maior gravidade, como as que exigem transfusões de sangue, sem o que só a morte as resolverá, visto que a assistência médica, por mais competente que seja, nada poderá fazer sem injectar no doente o sangue de que necessitar para poder resistir à gravidade e à imperitância do mal que o atormentar.

E' certo que nos Hospitais, designadamente nos de maior movimento, torna-se indispensável um Posto de transfusão e, a propósito, devo dizer que esse assunto tem merecido a atenção da Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia desta cidade, embora certas pessoas ignorem, como aquelas que ainda não se habituaram a ler os relatos das sessões, transmitidas ao público através da Imprensa, que, num gesto de magnífica compreensão, de bom grado lhes dá publicidade. Porém, esse recurso não dispensa a generosidade e o concurso das pessoas que

MÁRIO MENESES.

Continua na 5.ª página

Em defesa dos títulos nobiliárquicos de Guimarães

Dois conterrâneos chamam a minha atenção para ecos de falsa história que andam à solta pelos jornais, lesivos dos títulos vimaranenses.

Um deles refere-se ao facto histórico do 1.º tratado de aliança entre Portugal e a Inglaterra, e que o padrão de Tagilde assinala.

Lia-se num jornal de Lisboa, sob assinatura de pessoa que não conheço:

«Pena tenho que a minha região não haja sido incluída no programa das visitas, para a Rainha Isabel dar uma saltada a Babe, uma aldeia raiana do nordeste de Portugal, onde se diz que foi assinado o primeiro tratado de aliança entre Portugal e Inglaterra...»

Este desejo de ver Sua Majestade a Rainha «dar uma saltada» a Babe, «uma aldeia raiana do nordeste de Portugal», partiu de um vulgar «diz-se»; o que não basta para se admitir que lá, nessa «aldeia raiana», se observou o acto diplomático de 1372.

Podíamos-nos dispensar de desmentir a alusão de falsa história. Acresce ainda a circunstância de, causa tão séria, ser posta no jornal humorístico *Os Ridículos*.

Satisfazendo, porém, ao reparo do meu conterrâneo — que, pelo visto, entende dever dizer-se alguma coisa sobre o caso — aqui estou ao seu serviço.

Passo ao esclarecimento: Babe, é uma freguesia do concelho de Bragança. Neste local raiano foi celebrado, em 1387, um tratado entre os reis de Castela e D. João I, rei de Portugal.

Como se deixa ver, neste tratado de paz e concórdia celebrado dois anos depois da Batalha de Aljubarrota, é que está o equívoco do jornalista eventual.

O acto diplomático de 1372, praticado em Tagilde entre a Gran Bretanha e Portugal, é coisa diferente.

Desfeito o nó-górdio, nada mais há a dizer.

Eu que não tenho encargo oficial de guardar a arca dos «sagrados papiros» vimaranenses, nada mais tenho a fazer. Demais que, apenas antevejo no cidadão raiano um baírrista extreme, um amigo da sua terra, e não um usurpador de glórias alheias.

Ponho este comentário: Quem se fia no «diz-se», cai facilmente em erro!

O outro eco de falsa história foi inserto em o *Jornal de Notícias*, na secção «Perguntas com Resposta».

Atuando-se à cidade de Coim-

bra, dá-se ao consulente esta informação:

«D. Afonso Henriques... aqui assentou cõrtes, que se conservaram até ao reinado de D. João I... Coimbra foi pois o berço não só da Nacionalidade como de reis...»

Larga polémica travaram os nossos historiadores, quanto ao atribuir-se a Lamego a dignidade de ser a terra portuguesa onde se celebraram as primeiras Cõrtes da Nação.

Sem me imiscuir no assunto — para o qual me minguem os conhecimentos precisos — ainda assim, como qualquer escolar primário, me habilito a dizer:

1.º — Que as Cõrtes tiveram duas características, sendo umas restritas aos Monarcas, outras extensivas ao Braço Popular.

2.º — Antes das Cõrtes de Coimbra, convocadas por D. João I, outras Cortes foram convocadas em várias terras do Reino.

Em Guimarães se reuniram Cortes, podendo registar-se estas datas: 1250, 1256, 1288, 1401. As três primeiras, na dinastia Afonsina; a última, na dinastia Joanina.

Não oferece, portanto, o quadro geral das Cõrtes portuguesas qualquer ajuda para, à sua margem, se proclamar: ter sido Coimbra o berço da Nacionalidade!

Que me conste, não foi semelhante afirmação proclamada pelos eruditos escritores da douta Coimbra.

E', pois, golpe xiquetesco que não belisca a epiderme dos nossos títulos nobiliárquicos.

Fica bem pôr aqui, como remate, as palavras proferidas em 1953, no Palácio dos Duques, pelo sr. Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, em nome de todos os Municípios de Portugal, exaltando a glória máxima de Guimarães:

«Aqui germinou a semente extraordinária e fecunda da nossa História. Daqui irradiou a grandeza sem par, que se voltou, com o andar dos séculos, na Tradição que nos ilumina. Reis e Cavaleiros, Bispos e Letrados, Homens de Armas e Mareantes, gente de teres, e mesterais, unidos na mesma aspiração, ergueram e consolidaram Portugal para todo o sempre.

«Berço da Nacionalidade! «Não há expressão mais exacta para definir com rigor e carinho o papel que a Guimarães coube na nossa História.....»

Dou por este modo satisfação ao apelo que me dirigiram dois conterrâneos.

A. L. DE CARVALHO.

Reflexões Sermões Quaresmais Um Grande de Guimarães

Pelo P. Manuel Matos.

III

De ao pé da Colegiada

Dentro... não... nem da Varanda...

De ao pé... Sou qual peregrino medieval em romagem à Senhora da Oliveira. Não trago dâdivas por graças recebidas... Trago a minha fé na Padroeira da Pátria.

Eu canto com os Heróis do mar: «Enquanto houver Portugueses, tu serás o Seu Amor...»

Aí vai o meu sermão:

Sou Pároco... dum freguesia pobre... Mas não me importa da sua pobreza, importa-me, sim, a Salvação do meu povo.

E se, durante todo o ano, eu redobro de esforços para o trazer ao cumprimento dos seus deveres religiosos, neste período quaresmal multiplico-os ainda mais para que todos acorram à sua igreja paroquial a dar conta das suas obrigações como católicos.

Tem as pombas os seus pombais... Tem os filhos... os seus pais...

Tem a sua igreja paroquial todos os cristãos... e todos estes têm o seu pároco.

A palavra «fregues» provém etimologicamente da junção destas duas palavras latinas: «filii ecclesiae». Assim como «ecclesia» deu igreja, «filii ecclesiae» deu «fregueses» e finalmente «fregueses».

Eis a razão por que nós chamamos aos nossos paroquianos «fregueses» isto é, filhos da Igreja.

Se, portanto, os cristãos são Filhos da Igreja — importa que os «Filhos», conheçam os «Pais» e a casa paterna — é preciso que os «Pais» conheçam os «Filhos»... vendo-os à sua mesa.

E por isso, eu, pároco, neste período quaresmal, de harmonia com as Ordens recebidas do meu Prelado — e como eu, todos os párocos — tenho de chamar dum modo muito especial os «filhos da Igreja», para que eles demonstrem reconhecer a Igreja por Mãe...

A Igreja paroquial é a «Mãe» da família paroquial cristã... e o Pároco... é o Pai de muitos cristãos. E os bons cristãos... bons filhos da Igreja... bons «fregueses»... neste período quaresmal devem fazer como todos os filhos fazem pelo Natal: ir consoar... à casa paterna.

E em que consiste «a consoada» do Natal?

Consiste na participação dum ceia comum... e dum alegria comum... alegria e ceia para a qual todos concorrem: o pai e a mãe com a sua presença amorosa, fazendo as honras da casa e os filhos depondo as suas «lembranças» na grande mesa da ceia... à volta da qual se deseja a mais franca alegria.

Compreendes isto, leitor cristão? Talvez não, mas eu explico-te: Há tristeza na tua casa paterna, se tu, vindo de longe em busca do lar, te acolhes no palácio vizinho e repudias a choupana pobre de teu pai.

Provocas lágrimas nos olhos de

O AMIGO

inesquecível

Naquele pobre corpo martirizado pelo sofrimento, o destino vibrou o derradeiro golpe e o sopro da morte apagou de vez a chama brilhante daquela inteligência invulgar.

Esbranquiçados e frios, fecharam-se os lábios que tão admiravelmente souberam emoldurar a língua portuguesa; lentamente, as pálpebras desceram sobre aqueles olhos, que muitas vezes choraram por esta terra que tanto os enlevava; suavemente, aquelas mãos finas, que tão belas palavras escreveram, penderam aivas e inertes; e, por fim, na almofada branca, tombou para jamais se erguer, a cabeça grisalha que produzira os mais profundos pensamentos, as frases mais requintadas, os discursos mais impressionantes, que tão intensamente fizeram, em tantas ocasiões magnas da nossa terra, vibrar de entusiasmo a alma da nossa gente.

E, então, no volumoso livro da existência humana, a sombra negra da morte apagou o nome de um homem simples e bom, alegre e comunicativo, que soube guardar consigo o segredo da simpatia e o condão de fazer amigos.

Assim, partiu para a grande viagem sem regresso, o Amigo Inesquecível, Dr. José Pinto Rodrigues. Assim, neste momento, mais uma vez na vida senti uma tristeza imensa, uma saudade infinda, uma lágrima furtiva a deslizar-me no rosto. E, depois, na minha dor, chorei... chorei amargamente, como chora quem sente, a perda de um amigo que se ama como irmão.

José Abílio Gouveia.

O leitor amigo talvez já julgasse, e com razão, que aquele Zé das reflexões, com o frio deste inverno que nos tem flagelado tivesse hibernado lá pela aldeia.

Nada mais justo que assim pensar. No entanto o Zé é sempre o mesmo, com mais trabalho sim, mas sempre atento ao redemoinho da vida vimaranense.

A fé no ressurgir de Guimarães mantém-se viva, embora entrecortada pelo gosto amargo dos que podem ajudar e não querem, dos que pregam há muito contra a falta de iniciativa das autoridades locais, e quando se lhes bate à porta são só obstáculos e dificuldades.

Guimarães está na maré alta das realizações, que a podem elevar a uma das mais bem dotadas das cidades da província se todos nós soubermos compreender e transigir, dando facilidades na aquisição de terrenos em vez de dificultarmos todas as demarches, como afinal vem acontecendo.

E' de lamentar que assim venha sucedendo e a nossa amargura é maior ainda por se verificar que o maior estorvo parte das classes mais altas, dos que menos precisam, daqueles que com maior cultura deviam também melhor compreender que Guimarães para elevar o seu progresso, precisa da união e compreensão de todos os vimaranenses.

Para alargar e expandir uma cidade, temos certamente de seguir um plano de urbanização a que não é lícito pôr obstáculos. Claro que os terrenos da periferia da cidade, e por onde se impõe começar, têm que ser cedidos por muito amor que tenhamos aos mesmos e isto em obediência a um dever social.

Determinados obstáculos, quanto a preço, seriam de admitir se as avaliações feitas não tivessem sido conscienciosas, por peritos habilitados. Afinal verifica-se que em certos locais houve duas peritagens, uma mais baixa e outra mais elevada, tendo a Câmara optado pela mais alta.

Além disso o proprietário, com a venda dos seus prédios e terrenos pode adquirir outros que lhe darão mais rendimento ainda. Repara-se ainda, o que é absolutamente desagradável e até vergonhoso para as pessoas de bom senso, que os pequenos, aqueles que possuem um único prédio ou uma simples nesga de terreno, ou cedem com relativa facilidade pelo preço da avaliação, enquanto que outros, abastados proprietários, procuram enterrar, arranjando os mais diversos obstáculos para as negociações não prosseguirem.

E são assim estes vimaranenses que aspiram pelo progresso da nossa terra!

Eis o dilema para Guimarães: ou facilidades imediatas para as novas e projectadas construções nos locais indicados, ou então as mesmas ficarão a aguardar vez... essa vez que tarde ou até nunca chegará!

E' triste... e mais triste é sofrer o justo pelo pecador.

Justas palavras, de reflexão prática e de inteira justiça, foram escritas há tempos, pelo colaborador de «Ecos», neste semanário.

Clama a voz da consciência a pedir inteira responsabilidade a todos aqueles que venham a entrar qualquer melhoramento projectado para Guimarães e que pela sua obstinada oposição venham demorar ou até impedir o progresso da cidade veneranda.

Está o Governo da Nação empenhado agora em satisfazer os anseios dos vimaranenses, como um acto de verdadeira justiça para a nossa cidade, berço da Pátria. To-

A MEMÓRIA

do Dr. José Pinto Rodrigues

Por Fernando Vaz.

..... Não me é possível estar presente no último adeus que os bons vimaranenses vão dizer ao bom Amigo e grande desportista que foi o Dr. Pinto Rodrigues.

Em espírito, porém, estarei convosco, pois sinto como todos vós, a perda de tão grande figura vimaranense.

Pobre Dr. José Pinto Rodrigues! O valor e a simplicidade, a inteligência acima do vulgo das cabeças, a modéstia, a lhaneza de trato, tudo quanto o homem de hoje não sabe ter nem ser, foram qualidades que exornaram o homem de carácter que era amigo dos seus amigos — o desditoso Dr. José — que todos nós perdemos.

Com ele levou a alegria do último êxito do seu Vitoria nos escasos momentos de felicidade que a Vida nos reserva.

Peço-lhe que seja intérprete junto dos seus amigos, do meu fundo pe a por tão infausto acontecimento.

..... (Duma carta para um amigo)

dos assim o devem compreender, aqueles que de alma e coração veneram os seus heróis e este cantinho onde nasceu a ideia da Independência.

Os bons portugueses assim o pensam e compreendem. Os vimaranenses, por um imperativo de consciência, melhor o deviam compreender.

Bem sabemos que entre o trigo aparece sempre o jóio, a semente ruim, que lançada à terra é capaz de abafar a semente boa. Estejamos pois de cautela e de sobre-aviso!...

Que as autoridades locais não desmoralizem nas negociações encetadas, procurando levá-las a bom caminho; que os bons vimaranenses ajudem a chamar à razão e ao bom senso aqueles que trilham mau caminho e sobretudo que se não deixem abafar pela erva daninha; que todos aqueles que estão a entrar o progresso de Guimarães com as suas exigências, que reconsiderem no seu acto, que façam o acto de contrição para que um dia se não venham a arrepende do caminho trilhado. Nunca fica mal arripiar caminho. «Errare humanum est», e é bem certo.

De resto, com o progresso da cidade de Guimarães, todos os seus habitantes virão a lucrar de futuro.

ZÉ DA ALDEIA.

HOMEM CRISTO

Continuação da 1.ª página.

aquilo que não passava de miolos de pardais.

Fechamos este volume, que muito apreciamos, e voltamos a abri-lo ao acaso. Eis o que lemos, que também não está antiquado:

«Lá fora, nos países cultos, não falta quem reaja, quem conteste, quem demonstre a insensatez ou os erros de um pessimismo doentio. Mas aqui?»

Se alguém diz, por esse mundo: «o mal é da raça», logo aqui se conclue e confirma, de maneira formal e positiva: «não há dúvida, é da raça.»

E está provado. Está dito. E é escusado trabalhar. E inútil se torna pensarmos em remédio, que o mal não tem cura.

O preguiçoso é sempre assim. Agarra-se de pronto, com ambas as mãos, a tudo aquilo que possa justificar a sua preguiça.

Abençoado pessimismo! Adorado fatalismo, que vem sossegar a consciência de tanto patriótico e honrado cidadão! Quando muito, confia-se em Deus. «Será o que Deus quiser!»

E' inútil instruir o povo, porque ou a instrução é a desmoralização e o crime, ou é supérflua, se o mal nacional é da raça.»

E mais adiante: «...o que é absolutamente certo é que nem Laplace, nem Kant, nem Newton, nem Galileu, nem Vitor Hugo, nem Camões, nem tantos outros chegaram às suas produções, de tamanho alcance para a humanidade, a escrever as suas obras admiráveis, se não tivessem cultivado a inteligência, começando por aprender a ler e a escrever.

Quantos génios, como esses, quantas inteligências proveitosas se não terão perdido por vegetarem e morrerem no analfabetismo, na ignorância!»

Depois de se referir ao que a instrução tem conseguido no Japão, cuja raça Faguet menosprezava, Homem Cristo aconselha:

«Faça Portugal o mesmo. Eleve-se pela cultura. Imponha-se pelo trabalho, pelo direito, pela justiça. E deixe falar quem fala em defeitos da raça e em fantasias de vária natureza.»

De facto, a tentação impede-nos a transcrever pedaço e mais pedaço da prosa de cada página do «Pró Pátria». Mas vencemos essa tentação, achando preferível aconselhar o leitor a ler esse trabalho, do princípio ao fim, assim como «Cartas de Longe», se não os restantes trabalhos de Homem Cristo, também, e então dirá, como nós, que esse Homem merece ser homenageado, de maneira perpétua, por todos os portugueses, qualquer que seja a sua cor, e pela Pátria.

ISAURA CORREIA SANTOS.

Rodovia de Covas

No próximo dia 28 proceder-se-á ao concurso de arrematação para as obras da nova rodovia de Covas ao Minhoto, melhoramento este de grande importância para a nossa Terra.

COMPARTICIPAÇÕES DO ESTADO

Pelo Fundo do Desemprego foram concedidas à Câmara Municipal as participações de 88.800\$00 para Urbanização do Bairro da Arcela e 62.000\$00 para abastecimento de águas à Cidade.

tua mãe, se ela, sabendo que estás escondido na casa vizinha, te chama para a ceia... e repudias a sua voz.

A tua ausência... roubou a alegria aos teus irmãos... «Freguesia» é, pois, uma família paroquial cristã.

Tem ela o seu lar e tem a sua Mãe — a sua Igreja. Tem o seu Pai — o seu pároco. Tem a sua mesa — o seu altar. Tem as suas iguarias — a Eucaristia. Já compreendeste tudo?

Neste tempo quaresmal o bom cristão tem de ser um bom paroquiano.

Deves, pois, ir cumprir os teus deveres cristãos à tua Igreja paroquial.

E quais são os teus deveres especiais de cristão, neste tempo?

«Confessares-te para comungar». Quere dizer: lavares-te bem... para tomar parte na ceia... a ceia pascal.

A confissão é equiparável à limpeza que fazemos do nosso corpo, ou sujo do óleo, ou manchado das imundícies... quando nos dispomos a jantar.

E' regra de boa hygiene lavarmos as mãos antes de comer.

«Lavar as mãos», neste caso, quere dizer: purificar a nossa consciência... pelo arrependimento e declaração das nossas faltas.

La vadinhos... purificados... envergamos a Veste de cerimónia exigida na boda.

O cristão que se não «lava» ao menos uma vez cada ano — é um cristão porco... imundo.

«Filii ecclesiae» — Filhos da Igreja — fregueses: é chegada a hora de entrardes na vossa Igreja paroquial... lavar as mãos... e sentar à mesa.

E o bom filho não se esquece nunca de levar a «lembrança» de Natal... ao seu Pai.

..... Achaste lindo o sermão? Compreendeste-o bem?

A seguir:
Da Varanda da Misericórdia.

PIRELLI
Pneus e correias Trapezoidais para a indústria.
Agentes no Concelho:
REINALDO & GUISE, L.da
Guimarães

BILHETES DE PARIS

Continuação da 1.ª página

espanhol que à cata de prazeres impuros levantava os telhados das casas para ver o que se passava lá dentro. Aqui, não levantou nem uma telha!...

E' que na vida de Vicente Van Gogh tem tanta importância patética a navalha que lhe fanou a orelha como a «haute note jaune» que j'ai atteinte ce été. Não se rão, até, uma e a mesma nota? Como narrativa de uma vida negra, o arrastar da vida do infeliz através dos quadros e objectos antigos dos padrões de La Haia, Bruxelas, Londres e Paris não se teria esgotado no seu «par de botas» de vagabundo? Que mais nos podia dizer o cinema? E naquela muda desolada conturbada que é o seu «quarto de Arles» não estará todo o malogro do apostolado desse trágico aprendiz de metodista? Que recomendas, pois, às técnicas e ao dinheiro? Que não estorvem!...

A obra de um artista plástico é sempre o seu auto-retrato, mesmo quando não pinta retratos. Sobretudo, quando pinta o retrato dos outros. Um mau retrato nunca retrata o pintor, fica só no modelo. Nessa carência assentam as melhores das falsas celebridades nacionais. Com quem se «confessou» Velazquez quando pintou o seu Filipe IV a cavalo? Com o rei da Espanha?... Em Van Gogh a confissão é estuante.

Recrutaram-se para a fita personagens de físico semelhante ao do Dr. Gachet, do carteiro Roullin, do Père Tanguy. Foram caracterizadas a preceito como o modelo ao lado. Não falta uma ruga. Depois, puseram-se a andar, a raciocinar, a dialogar, a barafustar como qualquer mortal. Encarnaram noutra existência. Desse desmembramento da verdade pictórica para a vida física resulta a extrema dessemelhança. Ao Van Gogh-Cachet, ao Van Gogh-Roullin, ao Van Gogh-Tanguy falta o principal, que é... Van Gogh. A' luz da re-criação artística, a reprodução da personagem é uma espécie de morte civil. Com efeito, nunca Kirk Douglas se pareceu tanto

Eu não sou, como toda a gente sabe, dado a escrever nos jornais, porque me não julgo capaz de exteriorizar o meu pensamento com o brilhantismo que desejaria (e só é próprio dos bons jornalistas ou escritores,) provocando a uníssona afirmação dos meus concidadãos: — sim senhor, este indivíduo escreve muito bem: — embora os meus pensamentos pudes-

sem ser até bastante interessantes, por vezes.

Se o faço hoje sem tais preocupações e em linguagem desprendida de pureza estilística, é simplesmente porque tenho um dever a cumprir para com o meu grande Amigo dr. José Pinto Rodrigues, prestando-lhe deste modo a minha muito sincera e pública homenagem.

Nem eu só lha devo, mas sim toda ou quase toda a gente de Guimarães lha deve.

O dr. José Rodrigues, foi um daqueles raros indivíduos que em cada País, como o nosso, se contam, sob o ponto de vista de formação intelectual, por algumas dezenas apenas. Na sua própria terra, no número dos que se podem contar pelos dedos das mãos. Talvez não exagere, se assim o considerar dentro do período que decorre de há trinta e cinco anos para cá, desde que me julgo filho adoptivo de Guimarães, que considero e amo, como se aqui tivesse nascido.

Oigo por aí em vários lugares referir que o dr. Zé era muito inteligente, cultíssimo e bom. Que porém, tinha um grande defeito; não era um homem poupado, não sabia ganhar dinheiro, nem cuidou de si nem dos seus.

Tal como se conta na fábula «A Cigarra e a Formiga», ele seria a «cigarra».

Infelizmente para esses, ele tal não chegou a ser, porque a morte impiedosa e cruel o ceifou na pujança do seu grande talento, da sua mais esclarecida inteligência.

Este homem, materialmente pobre, que no dizer de muitos não soube amearhar, foi rico, riquíssimo de grandeza moral, possuía uma reserva inexgotável de conhecimentos gerais e uma insuperável inteligência que a bem dizer empregou em grande parte, em proveito de tantos que dele se serviram para lhes escrever discursos que eram lidos com certo ar, representações, exposições, etc., mas sempre com a marca indelevel e brilhante do talento do autor.

O que é um homem rico? Aquelle que tem mais do que precisa para satisfazer as suas necessidades materiais? Se assim é, ele era apenas um homem pobre, porque ganhava com o cérebro fecundo, o pão nosso de cada dia e bem lhe chegava.

Tinha portanto o grande defeito de não pensar na riqueza e no dia de amanhã. Foi essa, se querem, a sua grande falta. Eu mesmo assim o julgo, se nos remetermos à ideia de que o mundo é só bom para os afortunados e cuidados com a sua vida animal.

Ele porém era um intelectual, um idealista, um Homem acima dessas preocupações como o foram aliás, sempre os Grandes Homens de todo o mundo. Exemplos são aos montes e nem vale a pena citar alguns.

Se ele não fosse como era, não teria nunca passado de um bom advogado conhecido mais ou menos na sua comarca, sabendo cuidar da sua vida, deixando grossos capitais amealhados e merecedor portanto, da consideração geral. Uma figura respeitável, se querem, que a morte levaria bastante mais tarde, deixando a família muito bem.

Como toda a gente, ele não se fez. Nasceu assim tal qual era; e por mais que queiramos, não podemos modificar-nos nem libertar-nos daquilo que congenitamente somos.

Deixou sim, uma grande herança, dispersa na saudade de todos os amigos, que com ele lidaram de perto, nos seus muitos e brilhantes discursos, conferências e palestras, que alguém poderia coordenar num ou mais volumes, para que os seus conterrâneos, ao lerem talvez, um dia, à esquina de qualquer praça da sua terra o nome deste fervoroso vimaranense, pudessem respeitosamente dizer que este foi também Um Grande de Guimarães.

Março de 1957.

ARMANDO ANDRADE.

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia da Praça, à Rua de Paio Galvão, Telef. 40407.

TERRENO

Terreno de gaveto e casa com área aproximada de 1.000 metros quadrados, totalmente livre, próprio para a construção de bloco habitacional de rendimento, situado na Rua Dr. Alfredo Pimenta (Benlhevai), com frente para o futuro parque da cidade, vende-se. Aceitam-se propostas.

Trata o próprio, Falar para a Rua Duarte Lopes, n.º 32 — Porto — Telef. 721347. 151

N. da R. — O penúltimo artigo do nosso illustre Colaborador e velho amigo, sr. J. Novais Teixeira, saiu com algumas grialhas, pelo que aqui apresentamos as nossas desculpas ao autor e aos leitores.

Rectificamos que deveria ler-se na linha 16: «até à crucificação!»

Mais adiante: Não precisamos de tr o «palavras... palavras...»; e, mais além: «...a esquivarem-se ao dever de prestar contas dos seus actos. Depois: «A lei é para se cumprir!»

Na linha 2 da 2.ª coluna do artigo deveria ler-se: «...se chama, nem sempre o é. Na linha 10 deveria ler-se também: Liberdade é uma frustração, etc.

Havia ainda outras pequenas grialhas que a atenção do leitor por certo logo rectificou.

PANORÂMICA

COM A COLABORAÇÃO DOS SERVIÇOS CULTURAIS DA SHELL PORTUGUESA

Aspectos sociais da indústria petrolífera

Pensava-se a princípio — e talvez ainda hoje se pense — que o «negócio do petróleo» era uma desapiadada exploração, realizada sem a menor preocupação do futuro, ou sem que tivessem em conta as consequências sociais e económicas que pudesse acarretar.

Fosse ou não assim, a verdade é que, nos nossos dias, tudo leva a crer que esse juízo está muito longe da realidade.

A indústria do petróleo — uma das maiores indústrias mundiais — apresenta-se perfeitamente consciente das responsabilidades que lhe cabem relativamente aos países onde o petróleo é produzido, refinado ou vendido. Além destas responsabilidades, há certas consequências que importa considerar, como sejam, o relevante papel desempenhado pela indústria petrolífera como consumidora, como criadora de novas indústrias secundárias, como promotora do rápido desenvolvimento de muitos países.

De facto, acontece frequentemente que as fontes de abastecimento se situam em países sociais e economicamente pouco desenvolvidos — nas montanhas e desertos do Médio Oriente; nas selvas da Nova Guiné ou nos matos e pântanos da América Central. Em tais zonas, antes que possa iniciar-se uma produção útil, é necessário criar serviços essenciais e, assim, as Companhias petrolíferas têm de tomar iniciativas e levar a cabo trabalhos que são normalmente das atribuições do governo ou das autoridades locais. É necessário construir portos, vias férreas, aeródromos, centenas de quilómetros de estradas — e, tantas vezes, nas mais difíceis circunstâncias; tantas vezes os próprios materiais de construção, a própria pedra, têm de ser importados.

Além do trabalho indispensável do ponto de vista industrial, realizam-se vastos programas tendentes a tornar satisfatórias as condições de vida do pessoal que labuta nessas regiões. Os projectos e iniciativas, contudo, não afectam apenas a indústria e o respectivo pessoal — trazem, quase sempre, vantagens substanciais para as populações nativas.

É princípio geral nas grandes Companhias petrolíferas — muitas vezes reforçado pela legislação local — o de utilizar os serviços do maior número possível de naturais. Isto significa, na maioria dos casos, não somente proporcionar emprego, mas condições de vida satisfatórias segundo o nível médio de cada país. Além disso, a indústria do petróleo exige uma alta percentagem de pessoal qualificado, e como nos países menos desenvolvidos, a instrução pública é, em geral, extremamente reduzida, a própria indústria toma a seu cargo o estabelecimento e execução de complexos programas educacionais.

Desde a descoberta comercial do petróleo os serviços de assistência médica têm crescido em relevo, especialmente nas zonas equatoriais e tropicais, infestadas de doenças. Merecem especial atenção os resultados obtidos na luta contra a malária — numa das zonas de exploração foi possível reduzir a percentagem de casos de 80 % para 3 %; e nos arredores dos campos de petróleo eliminaram-se, quase totalmente, a cólera e a peste.

Conjunto em «Pied-de-poule»

Acompanhado de uma saia de «tweed» fantasia, castanho e bege, o conjunto compõe-se de um colete



de lã «pied-de-poule», também castanho e bege, sobre o qual se veste um casaco (tipo canadiana) do mesmo tecido.

Os serviços médicos gratuitos não se limitam, porém, aos empregados na indústria e às respectivas famílias — estendem-se a todos que deles necessitam.

Uma só Companhia registou, num ano, mais de milhão e meio de consultas a doentes e cerca de 12.000 hospitalizados.

O total do custo de organização, montagem e execução de tais serviços é extraordinariamente elevado. Na Colúmbia, dois grupos petrolíferos dispendem mais de 80.000 contos anuais na manutenção de serviços médicos e sanitários, e, na Venezuela, uma só Companhia depende normalmente para o mesmo fim cerca de 30 % dos seus gastos totais.

Em serviços semelhantes, bem como na realização de programas educativos e de instrução, uma outra Companhia petrolífera gastou, num ano, cerca de 320.000 contos. Naturalmente que as Companhias não procuram evidenciar qualquer altruísmo especial, nem se apregoam autoras de abstractas filantropias ao realizarem estas iniciativas.

O que, porém, se verifica, é que as várias grandes Companhias petrolíferas se comportam com um profundo sentido da responsabilidade em relação aos países em que actuam e que demonstram o mais perfeito conhecimento e a maior consideração para com os valores humanos que empregam ao seu serviço ou com quem entram em contacto.

Os dias em que o petróleo não era mais do que um negócio para enriquecer depressa, já, por felicidade, passaram.

Assim é, num breve resumo, a Indústria do Petróleo depois de cem anos de existência. Foram os cem anos de maior e mais rápido progresso na história do homem — e uma grande parte desse progresso deve-se ao petróleo que, hoje, fornece mais de metade do total de energia consumida no Mundo.

ANEDOTAS

História de cantora

Uma cantora, bastante escultural mas sem talento, estreia-se no Alcazar de Marselha. O acolhimento da assistência é glacial. Pensando que poderá modificar a atitude do público inquire:

— E agora que querem que eu interprete?

Uma voz sonora, partindo da galeria, responde:

— Nada!

História de caça

O velho visconde regressa exausto da caça. Enquanto o criado lhe descalça as botas, pergunta:

— Já chegaram os batedores todos, Baptista?

— Já, sr. visconde.

— E os cães?

— Também, todos.

— E os meus hóspedes?

— Igualmente.

— Bem, Baptista, desta vez podes ter a certeza: matei um coelho!

História de «Self — Mad Man»

No auge de uma discussão, um indivíduo exclama:

— E fique certo. Sou um homem que se fez por si.

Resposta do antagonista:

— Pois aliviou o Omnipotente de uma grande responsabilidade!

História de comboio

O revisor interpela um passageiro:

— O senhor não pode viajar com bilhete de 2.ª classe num comboio tão rápido como este!

— Ora essa! Diga ao maquinista que vá mais devagar!

História de gato

A mamã ao menino de quatro anos:

— Não puxes o rabo ao gato que o magoasi!

— Ele é que está a puxar pelo rabo; eu só o seguro!

História de restaurante

Depois de ter comido muitíssimo bem, em certo restaurante, um cliente informou o criado que não tinha dinheiro que chegasse para pagar a conta:

— Não há dúvida, senhor. Escreverei o seu nome na parede e pagar-me-á quando cá voltar.

— Mas isso não me agrada, retorquiu o cliente. Toda a gente vai ler!

— Fique descansado. Fica o seu sobretudo para tapá-lo!

Servindo a Lavoura

O que é o melhoramento de plantas



(Do Boletim Agrícola, editado pela Shell Portuguesa).

Cada espécie cultivada apresenta sempre, como é sabido, um número maior ou menor de raças diferentes, vulgarmente chamadas variedades. Por essa razão, quando o agricultor vai semear trigo, por exemplo, num dos seus campos, tem, imediatamente, que enfrentar o problema da escolha da variedade. Essa escolha é feita principalmente em função do terreno, do clima, da localização, ou, até, do fim a que se destina a colheita e assenta nas características das variedades existentes.

Como apareceram as variedades que o agricultor hoje cultiva?

Algumas, especialmente as mais remotas, resultaram da selecção natural que tinha como consequência multiplicarem-se mais as que possuíam maior resistência, eram mais férteis e se mostravam melhor adaptadas ao meio em que viviam.

Como, porém, os caracteres de maior importância para essa selecção natural nem sempre eram os que mais interessavam ao homem, o agricultor cedo começou a orientar a selecção no sentido que mais lhe convinha. Para isso passou a semear apenas as melhores sementes e a escolher para produção as plantas com as melhores características quanto aos fins que desejava obter.

Durante muitos séculos, o «Melhoramento de Plantas» consistiu apenas nisto. E não se pode dizer que não se conseguisse uma extraordinária melhoria em relação às plantas espontâneas originais, pois se atingiram diferenças muito importantes. Mas o trabalho desta forma é moroso e, depois de muito explorado, não permite já grandes avanços. A «selecção» nas linhas com que hoje se trabalha já poucos resultados oferece, porque há grande uniformidade entre os seus indivíduos e as alterações que ocorrem espontaneamente — mutações — são coisa bastante rara.

Já em tempos mais recentes, descobriu-se que as plantas eram providas de órgãos sexuais e, portanto, capazes duma reprodução sexual. De posse desse conhecimento, veio, mais tarde, a ser possível obter «híbridos», isto é, o produto do cruzamento de duas plantas diferentes. Verificou-se, então, que na descendência desses híbridos apareciam diferenças muito grandes, consequência de novas combinações entre as características dos progenitores, que davam possibilidades novas à selecção. Foi, porém, nos princípios deste século, quando alguns cientistas redescobriram as leis da hereditariedade — que tinham sido descobertas trinta anos antes pelo Frade Gregor Mendel mas a que ninguém ligara importância — que o Melhoramento de Plantas passou a ser feito com muito maiores possibilidades.

A criança e o instinto de subordinação

Nas crianças, as transformações psicológicas são acompanhadas por uma evolução moral. Essa evolução caracteriza-se — especialmente entre os rapazes — por uma necessidade consciente ou inconsciente, de rebelião. Trata-se, de facto, do instinto profundo de um ser que, ao atingir a adolescência, se irrita — confusa ou claramente — por permanecer submetido a um sistema de que resente a servidão, sem ter contudo a maturidade que lhe permita reconhecer os méritos.

Ora, para restabelecer o equilíbrio perante a nascente insubordinação, muitos pais — sobretudo os pais — e mães têm tendência para «fechar a catadura», como costumam dizer.

Na realidade não se deve ser pusilânime. A criança tem necessidade de disciplina. Só assim é que forjará o carácter e descobrirá os limites de acordo com os quais deverá, mais tarde, determinar a sua atitude como homem. Dar rédea solta, sob o pretexto de deixar a personalidade desenvolver-se, é correr um risco pois que o julgamento, insuficientemente formado, da criança, levá-la-á a concluir, sobretudo, que exigir dá resultado e que esse será, no futuro, uma das regras da sua atitude.

Mas o excesso de autoridade — principalmente de autoridade que se impõe sem se explicar — é igualmente para temer.

Sabendo-se a maneira como as diferentes características de dois indivíduos — pois o que se diz para as plantas é idêntico para os animais — se combinam na sua descendência, é possível obter uma planta que reúna as qualidades boas de duas outras já existentes.

Suponhamos que temos uma variedade de trigo que produz muito bem quando não é atacada pelas ferrugens mas que, logo que as condições de meio permitem o desenvolvimento dum daqueles parasitas, é extraordinariamente afectada. Por outro lado, temos outra variedade que é muito resistente a essa mesma ferrugem, mas que tem pequena capacidade produtiva. Cruzando as duas podemos, por selecção entre a descendência, vir a obter uma planta que produza muito bem e, ao mesmo tempo, seja resistente ao parasita.

Isto, que aqui se exemplifica em poucas palavras, constitui a maior parte do trabalho de «Melhoramento de Plantas» e podemos dizer que a obtenção dum trigo novo leva cerca de um dez anos e é necessário trabalhar muito material.

Claro que o «Melhoramento de Plantas» ainda tem muitos outros aspectos e diferentes plantas requerem métodos diversos para a obtenção de variedades melhoradas.

Além destes aspectos muito gerais, dispomos hoje de outros processos, mais complicados e exigindo técnicas mais delicadas e que ainda não sabemos controlar tão eficientemente. Trata-se da produção de características novas, isto é, não existentes em nenhuma das variedades de que dispomos. Para isso é preciso atacar o «comando genético» das plantas, ou seja, uns corpúsculos — os «cromosomas» — que se encontram no interior das células. Pelas variações do número dos cromosomas, especialmente a duplicação do seu número normal, ou causando modificações — «mutações» — no interior dos cromosomas, podemos obter coisas de maior interesse económico.

Agora, apenas uma pergunta:

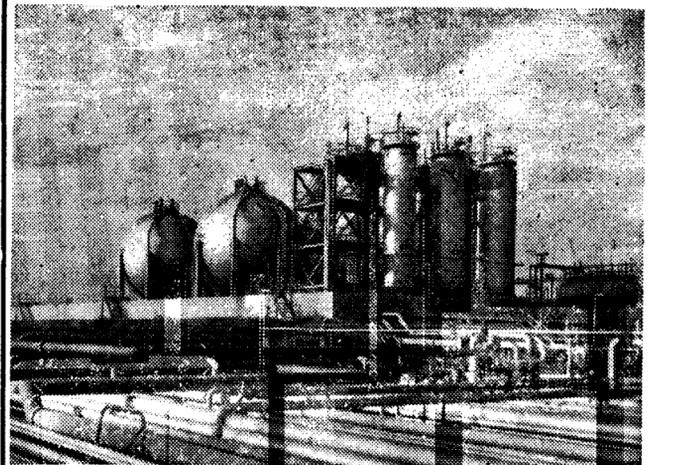
O agricultor já pensou que um pequeno aumento conseguido numa cultura qualquer, multiplicado pela área total que o País dedica a essa cultura, representa uma verdadeira fortuna? Já pensou que esse aumento paga, com uma margem muito larga, todas as despesas que se façam com o trabalho do «Melhoramento de Plantas»? Na Suécia, por exemplo, avalia-se o aumento que a agricultura do País está a colher em resultado dos trabalhos de «Melhoramento de Plantas» em qualquer coisa como um milhão de contos por ano. Verdadeiramente, só se pode dizer que é caro o trabalho de melhoramento de plantas que não se fizer.

Miguel Galvão de Mello e Mota, eng. agr. da Estação Agronómica Nacional.

Portugueses entre os milhares de visitantes a refinarias da Shell na Grã-Bretanha

Entre os 11.500 visitantes que, no ano passado, percorreram, interessados, duas das quatro refinarias do Grupo Royal Dutch/

Europa, o número de visitantes foi de 6.000, incluindo cerca de 1.000 estrangeiros, proveniente de 74 países.



Aspecto da Refinaria na Shell em STANLOW

Shell, na Grã-Bretanha, figuravam vários portugueses.

Esses importantes centros industriais são a Refinaria de Stanlow, em Ellesmere Port, Cheshire, e a Refinaria de Shell Haven, no estuário do Tamisa.

Em Stanlow, uma das mais extensas e completas refinarias da

Um dos grupos britânicos mais destacados — excedendo mil pessoas — era constituído por alunos de universidades e escolas.

Em Shell Haven, durante o mesmo período, cerca de 400 estrangeiros, provenientes de cinquenta países, visitaram a refinaria.

AUTOMOBILISMO MUNDIAL

Acontecimentos de relevo para 1957



— As principais datas para as várias categorias de automobilismo desportivo para 1957 foram estabelecidas numa recente reunião da Comissão Desportiva Internacional em Milão da Federação Internacional Automobilística.

— Os três acontecimentos internacionais mais importantes em Inglaterra no próximo ano serão o Grande Prémio Britânico a 20 de Julho; o Troféu Turístico do Royal Automobile Club a 14 de Setembro; e o Rally do Royal Automobile Club de 5 a 9 de Março.

— O calendário de automobilismo desportivo para 1957 compreende

os seguintes acontecimentos, que contam para os campeonatos internacionais em três categorias da Federação Internacional de Automobilismo:

Provas que concedem pontos no Campeonato Mundial de Automobilismo são os seguintes Grandes Prémios Nacionais:

Mónaco (Maio 19); Indianapolis 500 (Maio 30); Bélgica (Junho 2); Holanda (Junho 16); França (Julho 7); Grã-Bretanha (Julho 20); Alemanha (Agosto 4) e Itália (Setembro 8).

— Rally Europeu será baseado em «performances» em:

Acrofoli (Grécia) (10 a 14 de Abril); Rally Talpa (5-11 Maio); Rally Alemão (30 de Maio — Junho 2); Rally do Sol da Meia Noite (Suécia) (11-16 de Junho); Rally de Génèbra (27-30 de Junho); Rally Alpino (7 de Julho); Liège-Rome-Liège (28 de Agosto — 1 de Setembro); e o Rally Adriático (11-15 de Setembro).

— O Campeonato de Carros Desportivos será decidido pelo número de pontos atribuídos nas seguintes provas:

Corrida das 12 horas (Sebring) (23 e 24 de Março); Mil Milhas (12 de Maio); Nurburgring 1.000 quilómetros (Alemanha) (26 de Maio); Le Mans 24 Horas (22 a 23 de Junho); Grande Prémio Sueco (11 de Agosto); e o Troféu Turístico do Royal Automobile Club (14 de Setembro).

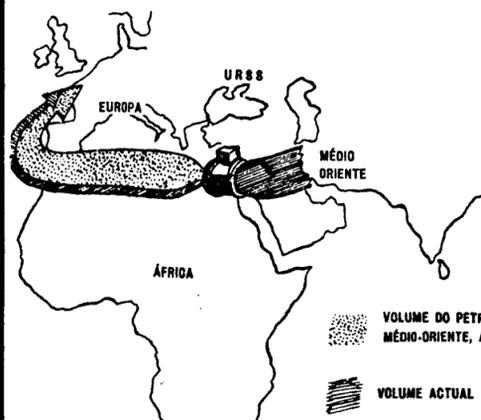
— As datas do Troféu do Royal Automobile Club, do Rally de Monte Carlo e do Rally Alpino são apenas aproximadas.

— A Comissão Desportiva Internacional decidiu manter, em 1957, o sistema inaugurado em 1956 para organizar o seu calendário, dividindo-o em dois tipos de acontecimentos: internacionais com prioridade e acontecimentos nacionais em que é autorizada a participação de estrangeiros. De futuro, este sistema será aplicado em todo o Mundo e não somente em acontecimentos europeus.

AS NECESSIDADES DE PETRÓLEO DA EUROPA OCIDENTAL

O Médio Oriente fornece 80 % das necessidades de petróleo da Europa Ocidental. Cerca de 90 % desses fornecimentos — bem mais do

ção. A única alternativa é, agora, à volta do Cabo, o que representa mais do dobro da distância. A paralisação do tráfego pelo



que dois milhões de barris por dia — eram enviados, em petroleiros, pelo Canal de Suez, ou por oleodutos, que, através do Iraque, ligavam os centros produtores ao Mediterrâneo.

Esses oleodutos foram sabotados, o que agravou ainda mais a situa-

Suez e a sabotagem dos oleodutos, criaram um grave problema que se procura solucionar, em parte, pela redistribuição e reencaminhamento dos petroleiros — o que na verdade afecta todo o movimento de petróleo no mundo ocidental.

Câmara Municipal de Guimarães

Reunião de 7 de Março

A Câmara, sob a presidência do Sr. Dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, deliberou:

— Reconhecer, em face do officio recebido da Santa Casa de Misericórdia desta cidade que a construção de 70 ou 100 casas para pobres que aquela Santa Casa pretende levar a efeito é das mais instantes não só sob o ponto de vista social como assistencial. No entanto, como não possui terrenos dispensáveis para o fim em vista e ver-se-ia obrigada a adquiri-los, deliberou tomar a seu cargo a aquisição do terreno necessário para os arruamentos e bem assim a urbanização do local, oferecendo desde já a sua colaboração para a ultimização dos contratos a efectuar com os respectivos proprietários para a aquisição, por parte da Misericórdia, dos terrenos necessários para a implantação das casas e respectivos logradouros;

— Reconhecer e louvar a acção altruista do Sr. Manuel Ramos, que pretende instituir uma cantina escolar na freguesia de São Torcato, deste concelho, dar a sua inteira aprovação à criação daquela cantina e contribuir, dentro das suas possibilidades orçamentais, para o apetrechamento da mesma e assumir o encargo do fornecimento de energia eléctrica, como lhe é solicitado;

— Concordar com a informação prestada pelo Senhor Director-Delegado dos Serviços Municipalizados de Água sobre a obra da Rede de Esgotos da Cidade, apreciando com louvor o serviço por ele prestado, e dar conhecimento dessa informação à Repartição competente dos Serviços de Salubridade;

— Tomar conhecimento do agradecimento manifestado pela Sociedade de Martins Sarmento que diz ter recebido com viva satisfação a notícia de que esta Câmara concebeu o subsídio de 150 contos como participação nas obras de conclusão do edificio da sua sede social;

— Comunicar ao Sr. Presidente da Junta de Freguesia de Prazins, Santa Eufémia, que está na disposição de assumir o encargo da renda do prédio que pretende construir para nele ser instalada uma escola, devendo, no entanto, ser apresentado o projecto de construção para efeito de aprovação e concessão de licença, estabelecendo-se o quantitativo daquela renda por mútuo acordo;

— Aprovar a concessão de condecorações a alguns Bombeiros Voluntários de Guimarães;

— Conceder o costumado subsídio à Conferência de S. Vicente de Paulo (Senhoras), da freguesia de Oliveira, desta cidade;

— Compensar com 3.000\$00 na aquisição do terreno destinado à construção do edificio escolar na freguesia de Gominhões, em virtude da respectiva Junta de Freguesia se responsabilizar pela quantia restante do custo do respectivo terreno, cujo montante é de 7.500\$00;

— Adjudicar a Domingos Fernandes, pela importância de 940\$00, o conserto da bomba da Fonte de Requião, na freguesia de Gondomar;

— Mandar proceder a reparações na casa de habitação do Sr. Dr. Delegado do Procurador da República junto do 2.º Juízo e fornecer os artigos solicitados;

— Colher propostas para os trabalhos de: a) Calçamento de um troço do caminho no lugar do Avenal, da freguesia de Conde; b) Reconstrução de um muro de suporte no lugar do Marcado, da freguesia de Pinheiro;

— Conceder licenças para obras a: José Ferreira, Francisco Mendes, José Machado e Manuel da Silva;

— Solicitar a informação do Senhor Architecto Peres Fernandes, autor do projecto da Alameda de ligação dos Largos 28 de Maio e República do Brasil, sobre se o prédio que o Sr. Dr. Isaías Vieira de Castro pretende construir na Rua de São Dâmaso se enquadra no plano de construção por ele previsto para aquele local;

— Conceder licenças de habitação a Maria da Glória Machado de Oliveira Neves e Vitorino Pereira Soares;

— Não aprovar o aditamento ao primitivo projecto apresentado por Beatriz Ribeiro Marques, com fundamento na informação da Repartição de Obras;

— Indeferir o pedido de Manuel Marques para construção de duas casas no lugar do Rato, em Azurém, com fundamento na informação da Repartição de Obras;

— Certificar que Maria Adozinda Ribeiro Martins de Freitas, residente na Rua Dr. João Antunes Guimarães, desta cidade, bem como as pessoas de família a seu cargo, são pobres;

— Autorizar pagamentos no montante de 131.866\$50.

Reunião de 14 de Março

A Câmara, sob a presidência do Sr. Dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, deliberou:

— Adquirir ao Sr. Dr. Isaías Joaquim Vieira de Castro o prédio sito na Rua de São Dâmaso, desta cidade, com os n.ºs 64 a 66, pela

importância de 190.500\$00, em virtude de ter de ser demolido para execução do plano de urbanização;

— Fornecer, a título de empréstimo e enquanto funcionarem os cursos da D. C. T., diverso mobiliário e material didáctico ao Batalhão n.º 13 da Legião Portuguesa;

— Conceder à Junta de Freguesia de Leitões um subsídio para substituir o tubo existente e dar um pequeno arranjo no tanque-lavandouro da Fonte da Devesa, daquela localidade, e notificar o proprietário do aillante que tapa a nascente da água daquela Fonte a proceder ao seu arrancamento;

— Conceder à Junta de Freguesia de Brito um subsídio destinado ao arranjo dos canos condutores das águas das fontes públicas de Ribeira e Ribeirinhas, daquela localidade;

— Deferir o pedido da Junta de Briteiros (Santo Estêvão), assumindo o encargo complementar de 10.000\$ para a aquisição dos terrenos para a construção dum edificio escolar naquela freguesia, e para a qual a mesma Junta obteve donativos valiosos;

— Atender também o pedido da Junta de Freguesia de Polvoreira, assumindo o encargo complementar de 41.060\$00 para aquisição de terrenos para a construção de dois edificios escolares naquela freguesia para a qual a mesma Junta obteve donativos valiosos;

— Adjudicar a Manuel Machado os trabalhos de concordância do lado esquerdo do caminho junto da sede da Junta de Freguesia de Lordelo;

— Intimar o proprietário do prédio existente na Rua da Madroa e habitado por António Mendes, a mandar proceder a obras naquele prédio por forma a evitar os inconvenientes do lançamento de detritos para a via pública e consequente mau cheiro;

— Conceder licenças para obras a: D. Maria de Abru, António Martins, António Ferreira, Domingos Marques Ferreira e Manuel José de Castro;

— Conceder licença a Antónia dos Anjos da Costa Faria para construir um jazigo subterrâneo no canteiro n.º 13, do Cemitério Municipal;

— Conceder licenças de habitação a José Pereira e D. Laura de Sousa Ferreira Zagallo;

— Enviar à Subdelegação de Saúde os processos de licenciamento sanitário para os estabelecimentos de taberna que Joaquim Machado e Sabina Ferreira pretendem abrir, respectivamente, no lugar do Monte das Cruzes, em Prazins (Santa Eufémia), e na Rua Dr. Ferreira Caldas, em Caldas (São João), a fim de serem efectuadas as vistorias;

— Conceder sete metros quadrados de terreno no Cemitério Municipal a Eduardo de Lemos Mota, para construção de um jazigo subterrâneo;

— Indeferir o requerido por João Lopes Alves para construção de um grupo de três moradias no lugar da Bela, da freguesia de Moreira de Cónegos, com fundamento na informação da Repartição de Obras;

— Indeferir também o pedido de José Pacheco que pretende construir uma dependência térrea, no lugar das Pereirinhas, em Moreira de Cónegos, com fundamento na informação da Repartição de Obras;

— Deferir, mediante condições, os pedidos de ocupação das barracas do Mercado a seguir indicadas, a: Ermelinda da Costa e Silva, n.º 1 da Ala Norte; Josefa de Oliveira, n.º 2 da Ala Norte e António Vitorino de Sousa, n.º 5 da Ala Sul;

— Autorizar pagamentos no montante de 167.943\$30.

Casa do Minho

Na sua última reunião, a direcção da Casa do Minho tomou conhecimento da intervenção do illustre deputado por Braga, Dr. António Santos da Cunha, na Assembleia Nacional, preconizando e defendendo a solução de problemas essenciais da vida social e económica daquela cidade e região. Deliberou felicitar o referido deputado e formular votos por que as suas palavras encontrem o melhor acolhimento, no campo das realizações práticas, por parte dos poderes públicos.

O Sr. Dr. António Delgado expôs os resultados dos trabalhos da Comissão de propaganda, que estão a ser coroados de êxito, pois todos os dias os minhotos acorrem a inscrever-se como sócios da colectividade. No prosseguimento do seu plano de acção, a Comissão convocou para a próxima quinta-feira, dia 21, pelas 21,30 horas, na sede da instituição, os representantes dos concelhos de Amarante, Gondomar, Maia, Matosinhos, Melgaço, Monção, Valença, Valongo, Vila Nova de Famalicão e Vila Verde.

Também a Comissão de festas deu conta das diligências já efectuadas para levar a efeito o grande festival folclórico integrado na comemoração do 34.º aniversário da fundação da Casa do Minho. Por sua vez, a Comissão de acção cultural estabeleceu o plano do ciclo de conferências e palestras que em breve terá começo.

DECOVAS Por Gémeos

Expediente

J. G., Candoso, Guimarães. — Sobre a sua queixa trocamos impressões com pessoa amiga que resolveu providenciar.

Desculpe por mais cedo não termos dado satisfação ao seu pedido, o que por este modo fazemos.

— José António Cândido, Sanatório das Penhas da Saúde, Covilhã. — Recebemos no dia 12 do corrente mais uma carta deste jovem, solicitando lhe dêssemos publicidade. Não é nossa norma abusar da bondade dos nossos leitores, tanto mais que já lhe publicamos outras cartas. Todavia, atendendo à necessidade do infeliz que diz já estar curado (para o que contribuíram alguns nossos leitores), abrimos uma excepção: Passamos portanto a transcrever:

«... pedindo perdão da maçada que vos tenho dado e que darei, porque assim a necessidade me obriga...»

... Sr., depois de 30 meses de luta com este terrível flagelo «tuberculose pulmonar», congratulo-me, graças a Deus, pois consegui obter aquilo que todos os doentes ambicionam: a cura. Todavia, para sair daqui, necessito mais uma vez de V... porque encontro-me sem recursos monetários para emprender a viagem de regresso — Caldas da Rainha — e ainda pela falta de algum vestuário exterior, pois o que tinha, devido ao uso, transformou-se num montão de farrapos. Crente de que V... compreenderá e atenderá este meu apelo — apelo sincero dum jovem infeliz — pedirei ao Senhor que abençoe V... Família e todos aqueles que com o seu esforço me têm ajudado neste transe tão difícil e cruel, etc.»

Não haverá nenhum leitor que queira atender este apelo?

Uma vergonha! Carnaval indesejável

Já aqui nos referimos e louvamos a merecida crítica que um correspondente de Guimarães fez na Imprensa diária aos abusos do Carnaval e hoje vimos também aplaudir os comentários feitos no último número deste jornal na secção *Ecos do illustre Colaborador A.* Na verdade, tal como ali se diz, foi uma vergonha!

Ainda bem!

O Sr. Dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, illustre Presidente da Câmara Municipal, tem atendido alguns reparos feitos nestas columnas, o que nos cumpre registar. Agora já começaram as obras de canalização para a água a esta localidade, conforme temos pedido. Folgamos ao registar esta boa notícia.

Obras

Proseguem em ritmo acelerado as obras do Edificio Escolar de Polvoreira, parte baixa. Para já, achamo-lo muito pequeno. Voltaremos ao assunto.

Com vista à C. P.

A maior parte dos horários do meio de transporte no Caminho de Ferro não satisfazem.

A primeira automotora que chega aqui às 7,12 não garante os lugares a todos os passageiros.

Coisas e Loisas...

No passado domingo, cerca das 15 horas, próximo desta cidade, um rapazito descalço pede-nos uma esmola:

— Donde és?
— De Santa Eulália de Barrosas...
— A idade? — 10 anos.
— Andas na escola?
— Ando, sim senhor, na 2.ª classe.
— A Sr.ª professora sabe que andas a pedir? — Sabe, sim...
— Quem é que te manda?
— A minha mãe.
— Que faz o teu pai?
— Está preso, em Matosinhos, por roubar.
— E a tua mãe? — Vende carneja.
— E onde a vai arranjar?
— Rouba-a nos montes.
— A que horas saíste de casa?
— As sete.
— E não comeste?
— Comi um naco de pão.
— Quantos irmãos tens?
— Onze, três casados, um a servir e sete em casa.
... Nisto passam dois estudantes de capa... O que é isto? — pergunta-nos ele muito admirado!
— São estudantes.
— E vão todos rotos? — respondem-nos.
Achamos-lhe graça...
Já em frente ao Teatro Jordão, agradece e deixa-nos ficar para ir cumprir a sua triste missão...

Durante uma viagem de comboio desistimos de ouvir o resto da seguinte conversa entre duas senhoras: «... Tive tanta, tanta pena deles!... O homem trabalha um ou dois dias por semana. São seis pessoas. Só têm três garfos e três delas comem no mesmo caneco da água...»

«Bem-Fazer»

É interessante e de assinalar a oferta da menina Maria Odete de Almeida, filha do nosso bom amigo Sr. Joaquim de Almeida e de sua esposa Sr.ª D. Emilia Sequeira Almeida, que se ofereceu para confeccionar roupas para as crianças protegidas pelo «Bem-Fazer».

— Também a Sr.ª D. Maria Amélia Marques Coutinho, esposa do nosso bom amigo Sr. Joaquim Marques, de Guimarães, ofereceu fazendo para um vestido. É já um bom começo para encorajar os dirigentes do grupo. — C.

Sonho de Glória

Qual jóia de sinopla, ao sol garrida,
Guimarães surge em trajos de verdura!
Há nela mil sorrisos de ternura
E a graça que recreia a própria vida...

Entre festões de sombra apetecida,
Brotam, na Penha, as fontes d'água pura,
E as grutas lembram ninhos de ventura,
Com mistérios de ninfa adormecida!...

Nos eflúvios de fada peregrina,
Guimarães tem o encanto que fascina,
Com seu jeito de pomba, abrindo a asa...

E, do brilho sem par de tanta glória,
É solar onde vive a nossa história
E o jardim que floresce ao pé de casa!...

Porto — Março — 1957.

A propósito duma correspondência de Covas, escreve-nos o Sr. José Pereira da Silva, dizendo:

«Como não posso dispor de todo o espaço do jornal, mas só deste e por muito favor do seu illustre director, resumo a resposta:

Uma freguesia pode ter pároco próprio se se verificarem duas condições essenciais:

1.ª — Ter o Prelado da Diocese padre disponível...
2.ª — Ter a freguesia possibilidades de o sustentar.

Ignoro se Sua Ex.ª Rev.ª o Sr. Arcebispo Primaz tem um padre disponível para Gémeos...
Alguma coisa, porém, poderei dizer quanto às possibilidades de Gémeos para sustentar pároco próprio.

Gémeos conta uns 80 fogos. Paga, em milho, uns 78 alqueires mais umas 30 ofertas em dinheiro... uns 28 almudes de vinho... e 120\$00 de cóngrua!

Se o passal pode produzir 2 ou 3 pipas de vinho, é preciso deduzir as despesas inerentes aos trabalhos que exige.

O movimento paroquial reduz-se a um ou dois casamentos por ano... uma dúzia e meia de baptizados... uns 4 ou 5 enterros...
Em razão da sua pobreza geral, a freguesia não sustenta uma missa diária...
Quando muito uma ou duas por semana...
O arranjar-las fora, não conta a favor das suas pretensões...
Faça, pois, as contas, Senhor correspondente, e, se tem noção exacta da carestia da vida, afirme na sua próxima correspondência que um pároco pode viver com aquele rendimento.

E a prova última de que tudo quanto se afirma é verdade, está no facto de os agitadores do problema andarem a prometer... o que não podem dar, e se o dessem um ano ou dois... não o poderiam dar sempre...
Quanto ao actual pároco de Taoadelo e que foi pároco de Gémeos durante uns 30 anos, deverá dizer-se que tinha anexa a freguesia de S. Lourenço de Calvos e que quando esta se desanexou, teve necessidade de retirar por não receber da freguesia de Gémeos réditos suficientes para a sua honesta e condigna sustentação.

(a) José Pereira da Silva.

Santa Casa da Misericórdia de Guimarães

Sessão de Mesa de 15 de Março de 1957

Sob a presidência do Ex.º Provedor, Sr. Mário de Sousa Meneses, reuniu a Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia.

Aberta a sessão, e depois de lida e aprovada a acta anterior, o Ex.º Provedor referiu-se a uma notícia publicada na Correspondência de Guimarães para o *Primeiro de Janeiro*, no passado dia 13, sob o título «Posto de Dadores de Sangue», a qual, nos termos em que estava redigida, era desprimorosa para a Mesa e para a própria Instituição.

Porque assim o entendeu, officiu ao respectivo Correspondente, a quem, todavia, não atribui má intenção, mas apenas a falta de não procurar informar-se junto de alguém da Mesa, acerca do referido assunto, cujo officio foi redigido nos seguintes termos:

«Ex.º Senhor Correspondente de O *Primeiro de Janeiro*, Guimarães. Se me tivesse procurado para ser informado sobre o conteúdo da sua notícia *Posto de Dadores de Sangue*, inserta na Correspondência de ontem, com certeza teria feito a devida justiça à Mesa Administrativa da Misericórdia, visto tratar-se de um assunto que não tem sido descurado, como consta de algumas actas, e que em breve ficará solucionado satisfatoriamente.

Lamento, portanto, que assim não tivesse procedido, não só porque teria evitado certos aborrecimentos a quem não é digno deles, mas também porque não é com sombras de agravos que se estimula quem quer que seja, pois que quem tiver lido a referida notícia terá ficado a julgar que na Misericórdia de Guimarães há falta de Caridade e de consciência, o que, felizmente, não é verdadeiro.

Se, porém, alguma pessoa lhe forneceu a notícia redigida nos termos em que foi publicada, essa pessoa ou procedeu com má fé ou está habituada a deslealdades que definem o seu carácter.

Devo ainda informar de que se a notícia em questão não for esclarecida de harmonia com o que acabo de expor, darei a este officio o destino que entender, isto é, solicitar a sua publicação em outros Jornais. Apresento-lhe os meus cumprimentos, A Bem da Nação. Santa Casa da Misericórdia de Guimarães, 14 de Março de 1957. O Provedor (a) Mário de Sousa Meneses.»

— Em seguida, a Mesa começou a trocar impressões sobre o novo regulamento hospitalar.

DELIBERAÇÕES

— Criar o curso de Socorristas a funcionar no Hospital, de harmonia com o programa fornecido pelo Comando da Polícia de Viação e Trânsito.

— Mandar proceder à canalização de água no Bairro João de Melo e pedir propostas para esse efeito.

— Registrar, com muito reconhecimento, o donativo de 26 cobertores da Ex.ª Senhora D. Ana Correia, do Pevidém.

Movimento hospitalar no mês de Fevereiro de 1957

Doentes internados, 200; dias de permanência, 5.207; consultas no banco, 610; curativos nos diversos postos, 2.118; injeções aplicadas, 4.113; tratamentos de ginecologia, 99; tratamentos de agentes físicos, 693; operações de grande cirurgia, 54; idem de pequena cirurgia, 49; número de receitas abonadas a doentes externos, 822; banhos, 971.

Consultas de especialidades

Oftalmologia, 201; Otorrinolaringologia, 144; Cardiologia, 13; Urologia, 12; Ortopedia, 30; Análises Clínicas, 400; Exames Radiológicos, 256.

Enfermaria de Partos

Doentes internadas, 54; crianças nascidas, 40.

— Foram ainda tratados vários assuntos de interesse para esta Instituição.

Teatro dos Caixeiros

Reina grande entusiasmo neste conjunto artístico pela sua apresentação na nossa elegante casa de espectáculos no dia 8 do próximo mês de Abril.

Subirá à cena a peça em 2 actos, original do saudoso vimaranense Padre Gaspar Roziz, *O Herói Minhoto*, que nos revela, numa cena deste Minho florido, as amarguras e as alegrias do nosso bom povo durante a Grande Guerra, onde o Corpo Expedicionário Português lutou com heroísmo e valentia.

A completar o programa, que brevemente será publicado, será também levada à cena a comédia em 1 acto *Meu marido que Deus haja...*, original de André Brun. Brevemente serão postos à venda os bilhetes para estes espectáculos em locais que serão anunciados.

Grande Excursão à Corunha (ESPAÑA)

Em confortável camioneta da Empresa João Carlos Soares

A realizar em 25, 26 e 27 de Maio próximo, passando por Braga, Monção, Valença, Tuy, Redondela, Pontevedra e Santiago de Compostela e com demora na Corunha, tendo paragem em Vigo, no regresso

Preço, incluindo o custo do passaporte, 170\$00; idem, sem passaporte, 130\$00

A inscrição está aberta até ao dia 30 de Abril, marcando-se lugares na rua de Paio Galvão, no escritório da Empresa, ou pelo telefone n.º 4458

INFORMAÇÃO

O jornal *Notícias de Guimarães*, numa local do seu número de 30-12-956, reclamou porque, em Covas, não há distribuição domiciliária aos domingos e feriados, o que também sucedeu no dia de Natal, apesar de, na estação de Guimarães, terem informado que nesse dia haveria distribuição na referida localidade.

Informa-nos, a propósito, a Administração Geral dos CTT que a povoação em causa é servida por um giro rural que, à semelhança dos seus congéneres, não se executa aos domingos e feriados para folga do pessoal.

Quanto à errada informação de que no dia de Natal se efectuariam ali distribuição domiciliária, nada foi possível apurar em virtude do autor da local não ter podido indicar quem foi o funcionário que lhe prestou.

Acrescentam os CTT que apesar de não haver em Covas distribuição domiciliária nos dias indicados, podem os interessados procurar as suas correspondências no posto do correio ali existente se assim o desejarem.

Carta a uma Senhora

Retardado

Minha Senhora:

Um leitor habitual das minhas cartas — pelo menos assim se declara — fez-me chegar às mãos as suas impressões no tocante ao facto de eu ter falado em sacrifícios, na minha última carta, em prol desta terra que, como é sabido, está a entrar nas melhores relações com o factor «progresso».

Diz o referido leitor que «se eu tivesse prédios condenados à pena de expropriação com certeza que não seria tão apologeta dos sacrifícios.»

Esta insinuação, que tanto pode ser filha da maldade como da leviandade, em matéria de interpretação, precisa de ser esclarecida, não para desfazer a minha afirmação, mas apenas para dizer ao tal leitor que todas as coisas devem ser entendidas em termos hábeis e não por simples impressões de momento, porque, como no presente caso, a falta de compreensão não só significará injustiça como também desvirtuará a boa fé de quem não sabe proceder de outra forma.

Quando falei em sacrifícios, nem pela mente me passou atribuí-los a prejuízos daquela natureza, tanto mais que sou o primeiro a reconhecer que as expropriações, seja qual for a sua natureza, nunca deverão consistir em actos de exploração, mas, pelo contrário, deverão ser feitas de molde aos proprietários dos prédios expropriados — urbanos ou rústicos — receberem o justo valor dos mesmos. Evidentemente que, mesmo assim, haverá sacrifício para alguns dos atingidos, quer por que lhes desapareça um valor estimativo, quer ainda por transtornos de diferentes espécies.

Aqui tem, sr. leitor, um exemplo de que «mais vale estar calado do que falar de mais» e, de resto, se for vimaranense, só lhe ficará bem suportar qualquer sacrifício para o bem da sua terra. Se, porém, nada mais lhe interessar do que a ambição, lembro-lhe um dos conceitos de Beauchêne: «O fim da ambição é como o horizonte», isto é, «recura à medida que se avança».

E se desejar que o horizonte das suas interpretações não vá além do normal, aconselhe-se com o travesseiro antes de fazer apreciações que possam significar fraquezas humanas, contra as quais todas as pessoas de bem deverão reagir.

Seria assim que eu desejaria ver actuar o meu «leitor habitual» por que, se assim fosse, não me julgaria capaz de desejar aos outros o que não desejo para mim.

A V. Ex.ª, minha Senhora, peço que me desculpe a aridez do assunto, mas há oportunidades que não se podem perder e assim como eu falo deste caso, outros falarão dos sucessos de alguns bailes do Carnaval agonizante, outros do jejum da Quaresma, outros ainda da «zeitona se divorciar do amendoim», etc., etc.

Por isso, nem falta quem fale, nem faltam assuntos para matar o tempo; o que falta, muitas vezes, é compreender o seguinte adágio: «Desde o alto até ao fundo, nada há forte neste mundo...».

Março de 1967. De V. Ex.ª
cd.º ven.º e obg.º
X.

CRUZADA DE SANGUE

Continuação da 1.ª página

se encontrarem em condições de ceder directamente ao doente e, por isso, sem prejuízo para a sua saúde.

Neste sentido, a Mesa da Misericórdia, já em sessão do dia 7 de Maio de 1954, deliberou o seguinte: «Considerando que são frequentes os casos em que há necessidade de recorrer à transfusão de sangue, como único meio de salvar a vida a certos doentes;

Considerando que nem sempre é possível conseguir, com a devida urgência, o sangue para aquele eleito;

Considerando ainda que, ao contrário do que sucede em outras terras, não se encontra inscrito neste Hospital qualquer dador de sangue, a Mesa resolve o seguinte:

a) Que aos dadores de sangue considerados pobres seja concedida a regalia de, quando doentes, serem internados nas enfermarias como pensionistas e isentos do pagamento de todas as despesas provenientes do seu internamento e tratamento;

b) Que aos dadores de sangue não considerados pobres sejam concedidas as mesmas regalias atribuídas aos Irmãos da Misericórdia, quanto a descontos para os mesmos estabelecidos;

c) Que aos dadores de sangue, inscritos nos termos das alíneas anteriores, seja concedido, gratuitamente, o diploma de Irmãos da Misericórdia quando a Mesa os reconhecer dignos dessa recompensa e desde que, para esse efeito, satisfaçam as condições constantes do respectivo Compromisso.»

Não obstante a qualidade e a quantidade das regalias constantes da referida deliberação, não há na Misericórdia dadores de sangue inscritos o que, no entanto, não significa que o sangue tenha faltado, sempre que o diagnóstico clínico tem reclamado a sua aplicação, quer seja por intermédio da Mesa, quer por intermédio do Analista do Hospital, quer, ainda, por intermédio de algumas pessoas pertencentes ou não à família do doente, mas só depois de ser feita a competente verificação dos grupos sanguíneos e de ser considerado satisfatório o estado de robustez física da pessoa que se prontificar a fornecê-lo.

De resto, esta explicação seria desnecessária se todos fizessem a devida justiça à Mesa e aos ilustres clínicos do Hospital, aquela porque não se tem negado a cumprir esse dever de caridade e a estes por serem incapazes de proceder com falta de consciência e com menos consideração pela sua dignidade profissional.

Em face do exposto e atendendo a que o internamento de doentes no Hospital da Misericórdia tem aumentado consideravelmente — pois nunca, como agora, atingiu o número de 200 diários — mais necessária se torna a inscrição de dadores de sangue, para o que continuará em vigor a deliberação da Mesa atrás referida e da qual foio dado conhecimento, em devido tempo, a algumas entidades, entre as quais a Polícia de Segurança Pública e a Guarda Nacional Republicana.

Oxalá, pois, que nestas entidades, assim como em outras, o Sindicato Nacional dos Caixeiros e outros Organismos Corporativos, venham a ser recrutados alguns Apóstolos da Cruzada do Sangue e que o mesmo aconteça quanto a quaisquer outras pessoas que o desejem dar com a mais arrojada convicção de que salvar uma vida com o seu sangue é erguer um padrão de glória à nobreza dos melhores sentimentos humanos e cristãos.

Assembleia Geral

Santa Casa da Misericórdia

Na Assembleia Geral dos Irmãos da Misericórdia no domingo realizada, o Provedor sr. Prof. Mário Meneses, antes da ordem do dia, referiu-se ao crescente movimento de doentes nos serviços internos e externos e, bem assim, ao número diário de doentes internados, que ultimamente atingiu 200, tornando-se cada vez mais delicada a situação financeira da Instituição, razão por que as dívidas passivas do ano findo atingiram algumas centenas de contos.

Perante tão delicada situação, disse, dois caminhos haverá a seguir, isto é, ou restringir a acção assistencial ou continuar desequilibrada a despesa com a receita e, portanto, não prejudicar a assistência, o que de forma alguma seria justificável. Por isso, embora com deficit, mais ou menos volumoso, a Santa Casa não deixará de procurar satisfazer, tanto quanto possível, a sua finalidade.

Estas palavras foram aplaudidas pela Assembleia. Na ordem do dia, foi autorizada a venda do prédio de S. Dâmaso à Câmara Municipal pelo preço resultante da avaliação a que mandou proceder a Direcção Geral da Fazenda Pública. Foi ainda autorizada a venda de outros prédios, com o produto da qual a Misericórdia passará a ser mais compensada. Igualmente foi concedida à Mesa a devida autorização para levantar do capital as importâncias necessárias, respeitantes a melhoramentos hospitalares, e também para a construção de um bairro para pobres, com a participação do Estado e o auxílio da Câmara Municipal, para liquidações de heranças, etc.

A Assembleia, por último, manifestou-se, aprovando, por aclamação, um voto feito de louvor à Mesa Administrativa.

Officinas de S. José

Foi estabelecido o seguinte programa para a festa tradicional das nossas Oficinas de S. José:

Dia 19, Dia de S. José — às 7 horas, missa e comunhão colectiva de todos quantos trabalham na Instituição; às 11 horas, saudação à cidade e a todos os benfeitores da Instituição, pelos educandos e pela sua Banda; recolha de ofertas para o Basar; às 20,30 horas, solene adoração do SS. Sacramento, segundo as intenções dos seus benfeitores, e louvores a S. José.

Dia 24 — às 9 horas, saudação à cidade pelos educandos e pela banda; recolha de prendas para o grande basar; às 11 horas, solene Missa Cantada pelos educandos, com a assistência da ex.ª Comissão Administrativa, Imprensa, Benfeitores da Instituição e Colégios de Nossa Senhora da Conceição e do Sagrado Coração de Maria; às 15 horas, adoração solene do SS. Sacramento; segue-se o grande basar de prendas.

Durante o dia de hoje, domingo, a Instituição abrirá as suas portas a todos os seus benfeitores.

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fizeram e fazem anos:

No dia 11, o nosso prezado amigo sr. José Maria Ribeiro, de Campelos; no dia 16, a sr.ª D. Leocádia Gonçalves de Oliveira Leite, esposa do nosso prezado amigo sr. Alberto Gomes Leite, funcionário superior do Banco Nacional Ultramarino na cidade da Beira; no dia 19, o nosso prezado amigo e conceituado industrial sr. Alberto Passos de Oliveira; no dia 21, mademoiselle Maria Julieta Martins Mendes; no dia 22, a sr.ª D. Maria da Luz Marques Ribeiro, esposa do nosso prezado amigo sr. Reinaldo Ribeiro; no dia 25, o acadêmico sr. José Albino Couto Neves da Silva, filho do sr. José Manuel Neves da Silva, já falecido, e da sr.ª D. Maria Amélia Couto Neves da Silva, parteira na Póvoa de Varzim, e a sr.ª D. Maria Augusta de Magalhães e Sousa Abreu, esposa do nosso bom amigo sr. José de Abreu Oliveira; no dia 26, a sr.ª D. Ana Pereira Gonçalves Soares, esposa do nosso bom amigo sr. Amadeu Soares, amanuense da Santa C. da Misericórdia; no dia 27, o menino João José de Abreu Oliveira, filho da sr.ª D. Maria Augusta de Magalhães e Sousa Abreu e do sr. José de Abreu Oliveira, e a sr.ª D. Maria Eduarda de Oliveira Bastos; no dia 28, as sr.ªs D. Ana da Costa Barroso e D. Angelina Martins Ribeiro, esposa do sr. António Pereira Caldas, de Gondar; no dia 29, as sr.ªs D. Deolinda Lobato Braga, esposa do nosso prezado amigo sr. Alberto Vieira Braga, e D. Aurora Faria Martins, filha do nosso prezado amigo sr. António Faria Martins, de Pevidém, e os nossos prezados amigos srs. António de Carvalho Jacinto e João de Passos Ferraz, este residente na Póvoa de Varzim; no dia 30, o nosso prezado amigo sr. José Nunes Pinto; no dia 31, o nosso prezado amigo sr. Pedro Nunes de Freitas, residente em Vila do Conde, a sr.ª D. Conceição da Costa Barroso e o sr. Vitor Manuel de Matos Machado, de Tomar.

«Notícias de Guimarães» apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

Nascimento

Teve o seu bom sucesso dando à luz uma criança do sexo masculino a esposa do nosso prezado amigo sr. dr. Augusto Monteiro Dias de Castro, Médico Municipal nas Caldas das Taipas. Mãe e filho estão bem. Parabéns.

Partidas e chegadas

Cumprimentamos nesta cidade o nosso prezado amigo e distinto Compositor sr. Prof. Eurico Thomaz de Lima.

Com sua esposa e filhinhos esteve no domingo nesta cidade o nosso bom amigo sr. Amadeu da Silva Mendes, residente em Vila do Conde.

Esteve nesta cidade o nosso prezado amigo sr. P.ª João Pedro de Bourbon Sampaio (Lindoso).

Também esteve nesta cidade o nosso prezado amigo e ilustre colaborador sr. Coronel António de Quadros Flores.

Deu-nos o prazer de sua visita, há dias, o nosso querido amigo e ilustrado Abade de Raimonda, rev.º dr. Francisco de Melo.

Esteve nesta cidade o nosso estimado conterrâneo e amigo e distinto Alferes Aviador sr. Francisco Alvaro Martins de Campos Guise.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso amigo sr. Alexandre Salgado, de Campelos.

Pelo «Moçambique», após terem passado entre nós a licença graciosa, regressaram a Angola o sr. António Luís Ribeiro Fernandes em companhia de sua esposa a sr.ª D. Maria de Lourdes Mendes Simões Fernandes e filhinho.

Desejamos-lhes feliz viagem.

De visita a sua família tem estado nesta cidade a sr.ª D. Ermelinda Amália de Freitas Justino Teixeira, esposa do nosso prezado amigo sr. eng.º Augusto César Justino Teixeira, residente em Angola.

Regressou dos Açores o nosso prezado amigo sr. Benjamim Pereira dos Santos.

Doentes

Nos últimos dias passou algo incomodado o nosso prezado amigo sr. Comendador Alberto Pimenta Machado.

Continuam bastante doentes os nossos bons amigos srs. Martinho de Almada Azenha e Domingos Pina.

Tem estado bastante doente a esposa do nosso prezado amigo sr. José da Rocha Lima.

No Hospital da Ordem do Carmo, no Porto, foi há dias submetido

a uma intervenção cirúrgica, a sr.ª D. Rosa Gonçalves Martins Cardoso, esposa do nosso prezado amigo sr. António Cardoso Rodrigues, industrial em Pevidém.

— Tem passado bastante doente o nosso bom amigo sr. Rafael José Ferreira de Carvalho.

— Foi há dias operada no Hospital de S. Marcos, em Braga, onde se encontra em quarto particular, a esposa do nosso amigo sr. Jaime José Fernandes, industrial.

— Foi há semanas operado na Casa de Saúde da Boavista, encontrando-se já restabelecido, o nosso bom amigo sr. Luís Mendes Lopes Cardoso.

Desejamos o breve e completo restabelecimento de todos os doentes.

Falec. e Sufrágios

Dr. Eduardo de Moura Machado

Após doloroso sofrimento, faleceu em Lisboa, no dia 16, o nosso estimado conterrâneo sr. dr. Eduardo de Moura Machado, de 44 anos, médico e proprietário em Ponta Delgada. Era casado com a sr.ª D. Margarida Rebelo Arruda de Moura Machado, filho da sr.ª D. Rita de Moura Machado e do sr. dr. José Maria de Moura Machado, já falecido; irmão das sr.ªs D. Maria José de Moura Machado, D. Maria Rita de Moura Machado Maltieira e do sr. dr. José Maria de Moura Machado, professor liceal no Porto; genro do sr. dr. Augusto Rebelo Arruda e da sr.ª D. Maria Amélia Machado Rebelo Arruda, residentes em Ponta Delgada. Formado na Universidade do Porto, trabalhou durante 8 anos com o prof. Tápia, no Caramulo, tendo, depois, durante 14 anos, exercido clínica em Ponta Delgada. Dotado dos mais primorosos dotes de inteligência, de uma dedicação extremamente pelos seus doentes, de uma bondade sem limites pelos pobres e pelos que sofrem, a sua morte é uma perda profundamente sentida por quantos com ele privaram em vida.

O corpo esteve depositado na igreja da Pena, à Calçada de Santana, de onde saiu o funeral no dia 20 para o Cais de Santos, seguindo a bordo do vapor «Lima», para Ponta Delgada.

Sentindo profundamente a morte do estimado vimaranense e nosso velho amigo, apresentamos condolências a toda a família dorida.

Agnelo Pereira de Freitas Pires

Após cruciantes e prolongados sofrimentos e confortado com todos os sacramentos da S. M. Igreja, finou-se na 3.ª-feira, contendo 46 anos de idade, o sr. Agnelo Pereira de Freitas Pires, caixeiro viajante, casado com a sr.ª D. Maria Adelaide Machado Azenha Pires, pai das meninas Maria e Laura de Jesus da Assunção Machado de Azenha Pires e dos meninos Domingos, Jesé e José Manuel Azenha Pires; irmão das sr.ªs D. Zulmira Pereira de Freitas Pires, D. Idalina Pereira de Freitas Pires Couto e D. Urmandina Pereira de Freitas Pires, e do nosso conterrâneo sr. João Pereira de Freitas Pires, ausente em Lisboa e cunhado do nosso camarada sr. João de Deus Pereira e do sr. Manuel Neto Couto, residente em Vizela.

O extinto era possuidor de excelentes qualidades de carácter e de trabalho, sendo muito estimado.

O seu funeral que esteve bastante concorrido efectuou-se na 4.ª-feira de manhã para o templo de N.ª S.ª da Oliveira, onde foi rezada a missa do corpo presente e em seguida para o cemitério municipal, com o acompanhamento de muitas pessoas das relações do extinto e da família dorida, à qual apresentamos sentidas condolências.

A chave do caixão foi entregue ao sr. dr. Sebastião Lobo Cardoso de Menezes, amigo íntimo da família dorida.

António Ferra

Na 4.ª-feira, ao princípio da noite, faleceu repentinamente nesta cidade, o sr. António Ferra, 3.º Oficial dos C. T. T., que era geralmente estimado pelas suas apreciáveis qualidades de trabalho e de carácter, e que contava 45 anos de idade.

O extinto era filho da sr.ª D. Júlia do Carmo Gonçalves e do sr. Domingos Francisco de Oliveira Guimarães, já falecidos; casado com a sr.ª D. Alice de Barros Martins Ferra; pai do menino António Aurélio Martins Ferra; irmão dos srs. Domingos Ferra de Oliveira Guimarães (ausente em África), e Auréliano Ferra e cunhado da sr.ª D. Laura de Barros Martins Oliveira Bastos, casada com o sr. Inácio de Oliveira Bastos, e dos srs. Alvaro Ferra, casado com a sr.ª D. Beatriz da Silva Guimarães; António Ferra, casado com a sr.ª D. Isaura de Sousa Vinagreiro Ferra; Aurélio Ferra e Armando Ferra.

O inesperado acontecimento causou muita consternação em todas as pessoas que conheciam o extinto, tendo ocorrido imediatamente a sua casa muitas pessoas a apre-

CHÁS MEDICINAIS «HERBIS»

Usados na Alemanha há cerca de 50 anos

HERBIS N.º 1 Dissolvente do ácido úrico	HERBIS N.º 4 Azia e más digestões	HERBIS N.º 8 Fígado e vesícula
HERBIS N.º 2 Regularizador da Circulação	HERBIS N.º 5 Contra bronquites	HERBIS N.º 9 Contra o hemorroidal
HERBIS N.º 3 Depurativo do sangue	HERBIS N.º 6 Nervos e insónias	HERBIS N.º 10 Tónico do coração
	HERBIS N.º 7 Rins e bexiga	HERBIS N.º 11 Laxativo suave

PACOTES DE 100 GRAMAS

Preparados exclusivamente com plantas medicinais segundo fórmulas do Dr. E. Richter, de Munich

PEVIDÉM

Alberto Rodrigues Cardoso participa aos seus Amigos e Ex.ª Público que abrirá, brevemente, na Avenida de Santo António, um estabelecimento de vendas de Bicicletas Motorizadas «Pachancho» e «Zundapp», Rádios, utensílios domésticos, etc.

REPRESENTAÇÕES

Senhores Comerciantes e Industriais
Querem ter o vosso artigo representado na Provincia de Angola?
Consultem Tomás Rocha dos Santos — Caixa Postal 3283-C
LUANDA — ANGOLA

sentarem condolências à família atingida por tão rude golpe.

O funeral, que esteve muito concorrido, efectuou-se na 6.ª-feira, sendo o cadáver removido da residência à rua de Santo António para a igreja da Misericórdia, onde às 11 horas, foi rezada a missa do corpo presente, finda a qual se procedeu à trasladação para o cemitério Municipal, tomando parte no préstito muitas dezenas de automóveis, conduzindo pessoas de família do extinto e muitas outras de suas relações.

A chave do caixão foi entregue ao sr. Horácio da Silva e Castro, amigo íntimo do finado, tendo-se organizado dois turnos constituídos por funcionários dos C. T. T. desta cidade e de outras localidades.

A toda a família atingida por tão triste ocorrência, apresentamos as mais sentidas condolências.

Vida Católica

Domingo 3.º da Quaresma, Missa própria sem Glória, Credo.

Paramentos de cor roxa.

Solenidade de Lázaro nos Santos Passos

A abrilhantar as cerimónias de Sábado de Lázaro, teremos este ano o Coro Claustral do Mosteiro de Singeverga e o Coro dos Pequenos Oblatos do Mesmo Instituto Missionário, organização musical de todos tão apreciada através dos programas da E. Nacional.

Festa de Nossa Senhora dos Prazeres, na Igreja dos Santos Passos

Sendo do conhecimento geral dos vimaranenses a fervorosa devoção que tinham os falecidos Condes de Margaride pelas imagens da Sagrada Família, que se veneravam no extinto Convento das capuchinhas, imagens que sem a sua intervenção, não teriam ficado entre nós, à veneração dos fiéis, a Irmandade dos Santos Passos acaba de convidar a respeitável Família Margaride, a quem se deve grande contributo para a devolução das alaias daquelas veneráveis imagens, a continuar a tradição da Festa dos falecidos Condes, o que foi da melhor vontade aceite por aquela fidalga família. Assim, a próxima festa de N.ª S.ª dos Prazeres, que se realiza em 2.ª-feira de Pascoela, será levada a efeito por uma Comissão de senhoras e agirá sob o patrocínio da respeitável família Margaride.

Atenção!

ANTÓNIO CORREIA PINTO, com Oficina de Pichelaria na Rua de S. Dâmaso, participa por este meio a toda a sua ex.ª Clientela, que a partir do dia 23 transferiu as suas instalações para o Largo da Condessa do Juncal (S. Paio), junto ao corredor da Misericórdia, na antiga Casa Caleira, onde espera continuar a receber as prezadas ordens que se esforçará por bem cumprir. Antecipadamente manifesta o seu reconhecimento.

Empregado de Escritório

Oferece-se com o curso de guarda-livros, para serviços internos, carta ao próprio: António da Costa Cancela — Quinta das Póldas — Carvoeira — Santo Tirso. 145

CASA Vende-se, composta de rés-do-chão e 1.º andar com 6 divisões e grande quintal, na Rua Capitão Alfredo Guimarães. Para tratar — Rua da Caldeira, 29. 114

Vende-se Duas casas, de bom rendimento, outra devoluta, e uma Quinta de 5 carros. A Redacção informa. 150

Guardizela

Carteira do leitor

Encontra-se doente na sua residência, na Póvoa de Varzim, a Directora-professora das Escolas Femininas desta freguesia, sr.ª D. Rosa de Sousa Oliveira.

A distinta professora — que o é — deseja rápidas melhoras.

— Fez anos, no dia 15, o nosso estimado amigo sr. Agostinho Pereira Machado, de Oliveira de Santa Maria (Famalicão). Parabéns.

CARTAZ

O Teatro Narciso Ferreira, de Riba d'Ave, apresenta hoje, às 15 e às 21 horas, uma sensacional super-produção francesa em maravilhoso colorido: «A Bela Otero» Um turbilhão de luxo e de agitadas aventuras com a mulher mais formosa da sua época.

Sábado e domingo: Bombeiros Malucos. — C.

Teatro Jordão

APRESENTA

NOVA, N.ª 16 B N.ª 21,30 HORAS

Vista Vision e Technicolor

ALFRED HITCHCOCKS — Um dos maiores realizadores da actualidade, oferece-nos outro dos seus êxitos

O Homem que sabia de mais com James Stewart e Doris Day (Espectáculo para maiores de 13 anos)

TERÇA-FEIRA, 25 -- N.ª 21,30 HORAS

SOPHIA LOREN — A estrela do momento, noutra sensacional interpretação

O QUE FAZ O AMOR (Espectáculo para maiores de 13 anos)

QUINTA-FEIRA, 26 -- N.ª 21,30 HORAS

SUPER SCOPE

Cidade nas Trevas com Dana Andrews, Ida Lupino e Rhonda Fleming (Espectáculo para maiores de 18 anos)

SABADO, 30 -- N.ª 21,30 HORAS

BEIJO DE FOGO Technicolor com Jack Palance e Barbara Rush As mais acidentadas e palpitantes aventuras. (Espectáculo para maiores de 13 anos)

OFERTAS E PROCURAS

Empregado de Escritório

DESPORTO

Do bem perder ou do mal perder...

O assunto, que focamos de seguida, era para ser tratado no número anterior, mas tal não pôde ser feito, pois, logicamente, dedicamos a nossa costumada *nota de abertura* à memória sempre saudosa do dr. José Pinto Rodrigues.

Porém, este assunto não podia ficar no óbvio, pelo que contém de lição ou, pelo menos, de análise de acontecimentos. Referimo-nos às diferentes maneiras de saber perder ou de não saber, patentes, num curto espaço de tempo, pelos desportistas da nossa terra e os da vizinha cidade de Braga.

Recordemos, o que aconteceu, em Guimarães, quando, estrondosamente, o Sporting de Braga aqui venceu por 5-0. A derrota dos locais foi consequência de logo, no minuto inicial da partida, perder o concurso de um seu jogador do sector defensivo. Porém, durante longos períodos do encontro, o equilíbrio foi notório e somente, para o final da partida, é que o predomínio dos visitantes se acentuou.

Mas apesar do volume da derrota, com que não se contava, os vimezanenses receberam-na, carpiando, entre si, as mágoas que a mesma ocasionou. Tão dentro de si ficaram com o sabor amargo da derrota que deixaram os seus visitantes expandirem alegremente o gosto pelo seu triunfo. Os adeptos bracarense invadiram o terreno de jogo do Campo da Amorosa, aplaudiram, folgaram com os seus jogadores e ainda levaram aos ombros, em eufórica manifestação, o técnico que os tinha guiado ao triunfo. E de Guimarães regressaram à sua cidade satisfeitos e, praticamente, sem qualquer razão para levantarem uma queixa...

Contrasta porém, o que ocorreu então, com o que aconteceu agora, quando a equipa do Vitória retribuiu à do Sporting de Braga os 5-0 anteriormente sofridos. Houve, como no encontro anterior, uma lesão, desta vez de um bracarense, a influir no volume do resultado final. Mas acentue-se, desde já, que esta ocorreu já passados mais de trinta minutos do início da partida e quando os vimezanenses já tinham actuado de modo a contarem-se-lhe diversas «perdiças».

Porém, podemos afoitamente afirmar que, nesta segunda circunstância, a derrota não foi encarada com aquele espírito leal que os vimezanenses patentearam quando do primeiro acontecimento. Foi-se para Braga dizer que o triunfo dos vitorianos foi obtido de maneira pouco leal e, de tal modo, que alguns vimezanenses, na noite do encontro, ao encontrarem-se sossegada e correctamente num Café de Braga, tiveram, ameaçados de agressão, de retirar escoltados por Polícia para a nossa terra de Guimarães.

É lógico que se procure encontrar a razão fundamental de uma atitude e de outra. É lógico por que há necessidade de evitar o renascer de questões que não honram ninguém e que somente servem para prejudicar o engrandecimento do futebol regional que, como todos sabem, se baseia na capacidade do Vitória e do Sporting de Braga.

Quando da lesão de Costa, nunca ninguém de Guimarães, a atribuiu a qualquer premeditada acção

do bracarense Mendonça, quando a maneira como ela ocorreu também podia levar a muitas suposições. Ficou-se com a convicção de que ela resultou dum acidente normal do jogo e, por isso, sem nenhum motivo para censura. Agora com a lesão de Velez, levantou-se a fama de prepositada e ainda, com a má fé manifesta, de a atribuir a um jogador (Virgílio) que nem sequer no lance propriamente interviu. Até, pela maneira como o caso está sendo especulado, cria-se nos a convicção de que o espanhol-bracarense não permitiu que se levantasse a insinuação contra o seu patricio que joga em Guimarães, quando havia a intenção de se servirem de um «truque», para justificar uma derrota com que não se contava e talvez preparar os espíritos para uma revindicta na próxima retribuição de visita.

Mas há ainda que mencionar a atitude do técnico bracarense, que depois de prègar «loas» sobre uma capacidade que os últimos resultados estão a desmentir, se esqueceu da maneira como foi permitida, no Campo de Guimarães, a manifestação que lhe tributaram os seus adeptos no primeiro encontro, para vir agora, quando do segundo jogo, dizer que não lhe foi autorizado assistir ao mesmo dentro da cómoda situação que o seu cargo permite. É uma mentira que não pode passar, pois somente o que se lhe não autorizou, foi permanecer dentro da vedação do rectângulo, em contacto directo com os seus pupillos, regra aliás emanada pelos regulamentos da Federação de Futebol. Teve sempre autorização para assistir ao encontro no camarote posto à disposição dos Dirigentes do seu Clube, para onde não foi, pode-se julgar agora, certamente por não querer ouvir os comentários azedos que os seus mentores lhe faziam pela tática que utilizou e que, no entender deles, não foi a mais própria. Mas *mestre Sezabo*, contradizendo-se nos seus alarmanes gritos de pugnação pela salvação do futebol português, veio até Guimarães com a sua balisa fechada a sete chaves, talvez por razões um bocadinho diversas daquelas que expandiu sobre a sua equipa, que, dizia, se encontrava preparada para tudo... como até para perder por 5-0, como afinal aconteceu.

Sinceramente afirmamos que nos custa vir discutir, pondo em comparação a atitude vimezanense e bracarense, um assunto que nunca devia ser agitado por razões que já ligeiramente expandimos atrás. O futebol minhoto precisa de unidade, de acção mútua por intermédio das suas colectividades mais fortes, com o fim altamente sério de alcançar o seu necessário engrandecimento. Para isso temos só um caminho a seguir, o de darmos mãos com lealdade, sabendo perder ou sabendo ganhar com apuro, dignidade e boa fé. Enfim, não querendo para os outros aquilo que não nos agrada a nós e compreendendo que quaisquer 5-0, sofridos pelos de cá ou pelos de lá, são somente consequências do jogo da bola, que é contingente até ao ponto de permitir resultados tão absurdos como estes, que motivaram estes conceitos, escritos, creiam todos, com o maior dos constrangimentos.

UM DE NÓS.

A Maratona do Futebol Nacional

(FASE FINAL)

Vitória, 8 — Montijo, 3

Um momento de saudade, uma demonstração de boa camaradagem desportiva e um encontro bem jogado

De tudo que ocorreu no encontro de domingo passado, na memória predomina a recordação daquele instante em que, através da instalação sonora, foi recordada a figura sempre lembrada do sr. dr. José Pinto Rodrigues. Desde o fundo musical dominador, desde as palavras bem sentidas que definiam um carácter, até ao silêncio profundo, que recolheu a meia dúzia de milhares de espectadores em homenagem sincera, tudo patenteou a admiração com que era tida essa figura excepcional de desportista e de vimezanense ilustre.

Sempre dominado pela lembrança do momento inicial do encontro, este decorreu dentro dumas normas que gostaríamos que fossem sempre seguidas. Os vimezanenses patentearam uma hospitalidade que deve ter bem calado na lembrança dos montiejses. Já no dia anterior, na sede do Vitória tinham sido dadas as boas-vindas à caravana do Montijo, alicerçando uma amizade que há-de perdurar

certamente. Depois na casa do vimezanense-montiejses dr. Jorge da Costa Antunes, também se tinham enlaçado amizades entre os dirigentes dos dois Clubes e assim outra coisa qualquer não poderia resultar do encontro, além da acção correcta de dois contendores, ambos desejosos de obterem o triunfo, mas procurando o pelo único caminho que honra o da dignidade desportiva.

Se estas duas lembranças anteriores mereciam ser registadas neste nosso comentário habitual, registre-se também que o encontro em si foi, sobre diversos aspectos, uma pugna bem jogada. Os montiejses apresentaram uma equipa aguerrida, lutadora incansável, e capaz, portanto, de criar problemas aos adversários que a defrontaram. Porém o Vitória encontra-se senhor dum capacidade suficientemente forte, que lhe permite dominar com naturalidade encontros como o de domingo passado. A equipa está, nesta fase final da

competição, a actuar com um futebol a que já chamamos de *cilindro*, capaz de possibilitar o alcance daquilo que desde Setembro anda na mente dos seus dedicados adeptos. O Vitória está de facto moralizado e desenvolve o seu sistema simples de jogo com eficiência, com boa penetração na zona defensiva dos adversários e também com regular harmonia no seu sector de defesa, apesar dos seus delírios ou facilidades de domingo último.

Uma referência individual deve ser feita neste encontro. Lembremos a actuação de Barros, certamente a melhor de todas, desde que ingressou no Vitória. Para além dos quatro golos que marcou, ficou a real capacidade de sua ordenação de jogo, com influência decisiva na equipa.

*
Ficha do jogo — Vitória: Lobato, Virgílio e Daniel; Cesário, Silveira e Auleta; Bárto, Barros, Ernesto, Rola e Benje. Montijo: Redol, Caixearinha e Manuel Luís; Neto, Barragon e Serralha; Barriga, Veredas, Ernesto, Mora e José Paulo. Arbitou Mário Garcia, de Aveiro.

Os golos vimezanense foram de autoria de Barros (4), Virgílio (2), Ernesto e Auleta; os do Montijo foram obtidos por Ernesto, Caixearinha e Mora.

*
Resultados gerais da jornada: Vitória, 8-Montijo, 3; Coruchense, 2-Braga, 1 e Salgueiros, 5-Farense, 1.

* * *
A jornada de hoje engloba os seguintes encontros: Coruchense-Vitória; Braga-Salgueiros e Farense-Montijo.

O Vitória vai disputar um encontro, onde se o triunfo lhe sorrir, pode dar um bom passo para a conquista do título. O encontro não é fácil, como se verifica pelos resultados anteriormente obtidos, pelos ribatejanos, mas esperamos que a real capacidade patenteada pelos vimezanenses seja capaz de conseguir aquilo que é desejo de todos os seus adeptos. Estes, apesar da distância que separa as duas terras, devem-se deslocar em número razoável e assim esperamos o seu incitamento constante, ao qual responderá uma actuação abnegada por parte dos elementos que constituem a equipa.

L. R.

Campeonato Regional de Reservas

Depois de ter empatado em Viana por 2-2, os vimezanenses foram obter agora outro empate de 3-3 a Barcelos. Porém quando no primeiro encontro, contra o Vianense, se tinham exibido com grande mérito, neste último, defrontando o Gil Vicente, a actuação foi mais precária. O torneio continua hoje, jogando em Guimarães, a equipa do Vitória contra a do Sporting de Braga, pelas 10 horas da manhã, encontro este que está a despertar o maior interesse.

EDITAL

LICENÇAS DE ESTABELECIMENTO COMERCIAL OU INDUSTRIAL

Doutor José Maria Pereira de Castro Ferreira, Presidente da Câmara Municipal de Guimarães:

Faço público que durante o mês de Abril deverão ser pagas eventualmente as Licenças de Estabelecimento Comercial ou Industrial devidas pelas empresas singulares ou colectivas ou suas sucursais, filiais, agências, delegações, correspondências ou estabelecimentos que exerçam qualquer ramo de comércio ou de indústria na circunscrição municipal.

As licenças que não forem solicitadas durante o mês de Abril poderão sê-lo, e bem assim pagas voluntariamente, nos dois meses seguintes, acrescendo neste caso os respectivos juros de mora.

Findo este prazo será levantado o auto de transgressão a todos os contribuintes que não tenham solicitado nem pago a sua licença.

Se o contribuinte houver solicitado na Secretaria a licença, esta haver sido liquidada e registada e o seu pagamento se não efectuar no mesmo dia na tesouraria municipal, cancelar-se-á esse registo e debitar-se-á ao tesou-

reiro a importância da licença para efeito de procedimento executivo.

Nenhuma licença poderá ser concedida sem que, nos termos do § 1.º do artigo 135.º do Decreto n.º 16731 e artigo 12 do Decreto n.º 24916, o interessado apresente na Secretaria da Câmara o conhecimento da contribuição industrial paga ao Estado.

Para constar se passou o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares do estilo.

Paços do Concelho de Guimarães, 22 de Março de 1957.

O Presidente da Câmara Municipal,

José Maria Pereira de Castro Ferreira. 156

Notícias de Guimarães n.º 1317 -- 24-3-1957



COMARCA DE GUIMARÃES
Secretaria Judicial

Éditos de trinta dias

1.ª publicação

Pela 1.ª Secção do 2.º Juízo desta comarca, correm éditos de trinta dias, a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando os réus Joaquim Pinto Pinheiro e mulher Emilia do Nascimento Pinto, ele comerciante, ausentes em parte incerta do Brasil, tendo a sua última residência conhecida no lugar da Serrinha, freguesia de Santão, da comarca de Felgueiras, para, no prazo de dez dias, findo o dos éditos, contestarem, querendo, a acção de processo sumário que lhes move e a outros, o Banco Nacional Ultramarino, sociedade anónima de responsabilidade limitada, com sede em Lisboa e agência nesta cidade, pretendendo este que os réus sejam condenados a pagar-lhe a quantia de oito mil escudos, os juros legais desta quantia desde o vencimento da letra que foi em 24 de Dezembro de 1955, até efectivo pagamento, 79\$00 de despesas com o protesto, com custas, selos e procuradoria, solidariamente com osco-réus, Alberto da Silva Martins e mulher Maria de Oliveira Mendes e Eduardo Mendes Xavier e mulher Maria Carolina Peixoto, sob pena de, não contestando, serem condenados definitivamente ao pedido.

Guimarães, 11 de Março de 1957.

O Juiz de Direito,

Francisco Mendes Barata dos Santos.

O Chefe da Secção, 146

José Maria Soares.

DESPEDIDA

José Feliciano Plácido Pereira, escrivão da Secretaria Judicial da Comarca de Guimarães, tendo sido nomeado para o lugar de ajudante do Chefe de Secção do processo do Tribunal de Polícia de Lisboa, e não lhe tendo sido possível despedir-se de todos os seus amigos e conterrâneos, por exiguidade de tempo, aproveita esta forma para o fazer e desejar a todos as maiores felicidades, oferecendo os seus limitados préstimos na cidade de Lisboa, onde fixou residência.

CONFERÊNCIA de S. Vicente de Paulo

Relação de contas e movimento da Conferência de S. Vicente de Paulo da freguesia de Nossa Senhora da Oliveira (Secção de Senhoras).

Em cumprimento dum dever, vem a Direcção desta Associação apresentar o seu relatório e contas, respeitantes ao ano de 1956.

É com satisfação que verificamos que esta pequena instituição, apesar das grandes dificuldades da vida que passa, fez uma assistência bastante proveitosa dentro da freguesia.

Assim auxiliada pela Câmara, pôde mandar para a praia 50 crianças dos dois sexos, fornecendo a todas um modesto enxoval.

Além da esmola mensal a várias famílias, pôde ainda socorrer vários doentes com remédios, géneros, dinheiro e roupas, atendendo assim várias necessidades urgentes.

Mais e melhor poderíamos ter feito, mas para isso muito necessitávamos que mais subscritores e mais benfeitores viessem em nosso auxílio, com as suas esmolas e mesmo com os seus trabalhos e até com os seus conselhos; a todos patenteamos os nossos agradecimentos em nome das pobreszinhas, lembrando-lhes que aos olhos de Deus serão recompensados; para isso basta não esquecer, que quem dá aos pobres, empresta a Deus.

Receita — Colectas nas reuniões, 370\$70; Subscritores, 4.684\$00; Diversos, 5.980\$60; Saldo anterior, 6.251\$60. Total da receita, 17.295\$90.

Despesa — Socorros em dinheiro, 5.380\$00; Em géneros, 2.402\$40; Em roupas, 2.566\$60; Diversos, 4.085\$00; Com o culto, 80\$00; Boletim, 20\$00; Oferta ao concelho, 138\$00. Total da despesa, 14.672\$00. Saldo, 2.623\$90.

CASA LUCIANO COSTA

Chá e Café -- Merceria

Um bom estabelecimento no género.

Visitem esta casa.

Largo 28 de Maio, 51 (Frente ao Jardim Público).

Telefone P. F. 4229

GUIMARÃES (138)

hérnia

O célebre especialista Internacional

INSTITUT HERNIAIRE DE LYON

garante-vos o sucesso rápido e definitivo, graças ao método moderno, sem inola e sem pelota

MYOPLASTIC-KLÉBER

Leve, ligeira, lavável, este verdadeiro «músculo de socorro» reforça a parede abdominal e contém a hérnia no seu lugar

Como se fosse com as mãos

VINDE FAZER UM ENSAIO, FICAREIS MARAVILHADOS.

GUIMARÃES — Farmácia Hórus — Largo do Toural, DIA 6 DE ABRIL.

BRAGA — Farmácia Roma — Rua dos Chãos, 111, DIA 2 DE ABRIL.

AMARANTE — Farmácia Costa — DIA 13 DE ABRIL. 157

GRÁTIS

Remetemos literatura que muito interessa a quem sofre de qualquer enfermidade e catálogo muito útil a quem precisa de ganhar dinheiro.

Pedidos ao Apartado 858 - Lisboa.

FIBRA ARTIFICIAL



Agentes-Depositários

WANDSCHNEIDER & C.ª, L.ª

R. Cândido dos Reis, 74-2.º

TELEF. Est. 17 Comp. 21 404 PORTO

Antes de Viajar...

... consulte sempre a «Intercontinental» — e «poupará tempo, arrelias e dinheiro»!

A «Intercontinental» reúne secções especializadas de: Passagens de avião, navio e comboio, em qualquer companhia e para qualquer destino; Passaportes individuais e colectivos; Vistos consulares; Organização de excursões dentro e fora do país; Seguros e fotocópias; Moedas e notas de qualquer país; Papéis de crédito e cupões

Agência de viagens «INTERCONTINENTAL»

8, Rua Ramalho Ortigão — Telef. 20235 e 30011 — PORTO (Ao cimo da Av.ª dos Aliados) 528

Dr. José Maria Domingues dos Santos

Advogado

ESCRITÓRIO: Avenida Conde de Margaride — GUIMARÃES. 15

No Largo João Franco, n.º 20

poderá V. Ex.ª apreciar as Novas Instalações de

A Competidora de Representações, L.ª

Únicos Importadores neste Concelho de Tubos Galvanizados

No próprio interesse de V. Ex.ª não deixe de efectuar uma visita.

TELEFONE, 4523. 125

Canetas de Tinta permanente

Completo sortido de todas as marcas e para todos os preços

Vendas a pronto e a prestações com bônus

CASA DAS NOVIDADES

RUA DA RAINHA Telef. 4350 GUIMARÃES

Assina o NOTÍCIAS DE GUIMARÃES